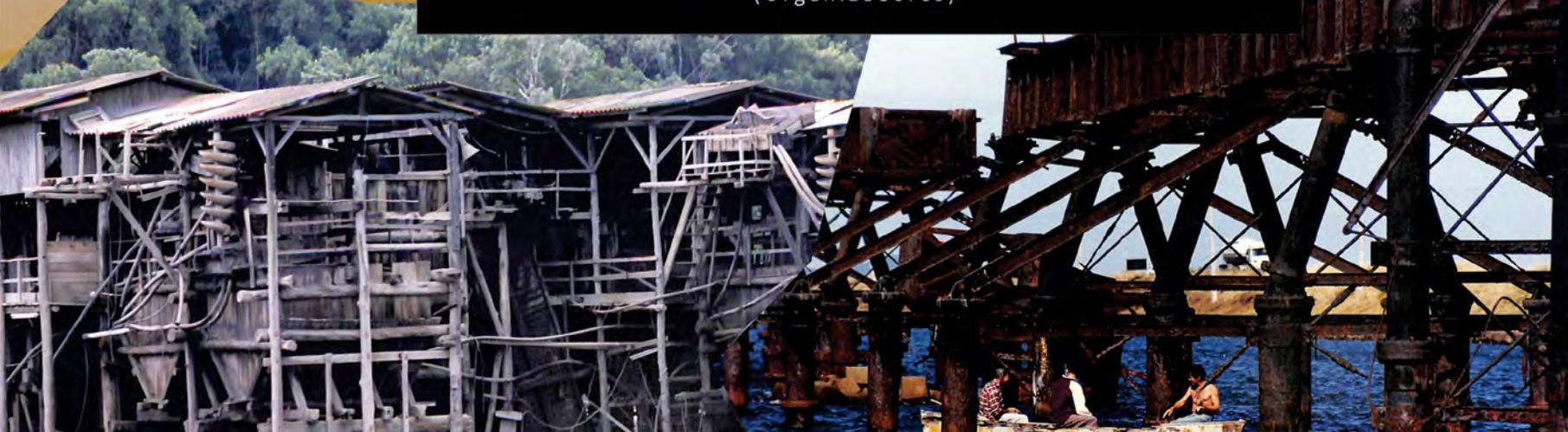




MEMÓRIAS E IDENTIDADES

MARLI DE OLIVEIRA COSTA
PAULO SÉRGIO OSÓRIO
(Organizadores)



AS ESTRUTURAS CARBONÍFERAS COMO
PATRIMÔNIO CULTURAL DE SANTA CATARINA

MEMÓRIAS E IDENTIDADES

AS ESTRUTURAS CARBONÍFERAS COMO
PATRIMÔNIO CULTURAL DE SANTA CATARINA

MARLI DE OLIVEIRA COSTA
PAULO SÉRGIO OSÓRIO

(Organizadores)

MEMÓRIAS E IDENTIDADES

AS ESTRUTURAS CARBONÍFERAS COMO
PATRIMÔNIO CULTURAL DE SANTA CATARINA

Copiart



Alcides Goularti Filho

Giani Rabelo

Ismael Gonçalves Alves

João Henrique Zanelatto

Marli de Oliveira Costa

Michele Gonçalves Cardoso

Michelle Maria Stakonski Cechinel

Paulo Sérgio Osório

Susane da Costa Waschinewski

Tiago da Silva Coelho

(Autores)

Universidade do Extremo Sul Catarinense
Av. Universitária, 1105 – Bairro Universitário
C.P. 3167 – 88806-000 – Criciúma – SC
Fone: +55 (48) 3431-2500 – Fax: +55 (48) 3431-2750

REITORA
Luciane Bisognin Ceretta

VICE-REITOR
Daniel Ribeiro Preve

PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
Indianara Reynaud Toreti Becker

PRÓ-REITORA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO
Oscar Rubem Klegues Montedo

UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES
CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – UNAHCE
Marcelo Feudhaus

Sob coordenação da
Gráfica e Editora Copiart

REVISÃO ORTO GRAMATICAL E NORMALIZAÇÃO ABNT
Márcia Regina Pereira Sagaz

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA
Rita Motta

*As ideias e demais informações apresentadas nesta obra
são de inteira responsabilidade de seus organizadores e autores.*

M533 Memórias e identidades [Recurso eletrônico on-line] : as estruturas carboníferas como patrimônio cultural de Santa Catarina / Marli de Oliveira Costa, Paulo Sérgio Osório (organizadores). – 1. ed. – Tubarão : Copiart ; Criciúma: Ediunesc, 2017.
112 p. : il. (algumas color.) ; fots. , Mapas. ; 29 cm.

Inclui referências
ISBN: 978-85-8388-105-6

1. Carvão – Santa Catarina – História. 2. Indústria carbonífera – Santa Catarina, Região Sul – Aspectos sociais. 3. Carvão – Minas e mineração – Aspectos econômicos. 4. Mineiros (Profissão) – Condições sociais. 5. Identidade Social. 6. Patrimônio cultural.
I. Costa, Marli de Oliveira. II. Osório, Paulo Sérgio.

CDU: 662.8(816.4)

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071



Ao concluir esta publicação, agradecemos com apreço:

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) que, por meio do Edital de chamada pública nº 09/2015 de apoio a Grupos de Pesquisa das Instituições do Sistema ACADE, permitiu que realizássemos este estudo e pudéssemos entregar à população de Santa Catarina um pouco do Patrimônio Cultural associado à mineração do carvão.

À Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), pelas possibilidades de criação, de organização e de ação dos grupos de pesquisa. Nesse caso, do Grupo de Pesquisa Patrimônio Cultural: histórias e memórias. Pela disposição da equipe da Agência de Desenvolvimento, Inovação e Transferência de Tecnologia (ADITT), que ofereceu suporte técnico e acompanhamento dos relatórios durante e depois da pesquisa.

E, ainda, à Editora da UNESC, EdiUNESC, que possibilitou a concretude desta publicação.

Aos pesquisadores que contribuíram com a saída a campo, com a escrita dos textos e com a seleção das imagens; ao fotógrafo e à geógrafa, pela dedicação ao trabalho. Enfim, aos colaboradores externos, pela confiança no trabalho traduzida na escrita dos prefácios.

Em especial, agradecemos ao Centro de Memória e Documentação da UNESC, o CEDOC, pela disponibilização do acervo e pelo envolvimento de sua equipe no trabalho. E aos pesquisadores do Grupo de Pesquisas Memória e Cultura do Carvão, fundado em 2001 e desativado na atualidade, pelo cuidado com a coleção que construíram ao longo dos anos, hoje disponível no CEDOC.

Nossa Gratidão!!



A atividade de extração do carvão mineral produziu marcas indelévels na paisagem e na sociedade do sul do estado de Santa Catarina. A lógica extrativista, de cunho exploratório, determinou a exaustão de grandes parcelas de recursos naturais e humanos da região. Se por um lado a atividade econômica possibilitou a formação de riquezas e o desenvolvimento de determinados grupos sociais ou setores econômicos, por outro estabeleceu nova escala de atuação humana, acentuou a especialização do trabalho e a estratificação social e produziu, de forma associada à degradação ambiental, uma urbanização às escuras.

Com o forte declínio da atividade exploratória na década de 1990, e seus reflexos econômicos e sociais sentidos em toda a região – com o brusco desaparecimento de centenas de postos de trabalho nas frentes de mineração –, o cenário montado ao longo de décadas de processamento e de evolução técnica foi submetido a amplo e acentuado processo de desmonte e deliberada desmobilização. Desse modo,

homens, mulheres e crianças e suas vivências, ruas, casas, igrejas, ritos, clubes, escolas, campos de futebol, casas de assistência, sedes de companhias e de sindicatos, enfim, todo um conjunto de estruturas e de memórias ligadas à extração, beneficiamento e transporte do mineral foram desprezados, tratados como rejeito histórico, registro piritoso inservível ao novo momento.

Cobertos por densa camada de material inerte, os remanescentes de um passado fadado ao esquecimento, predestinados à escuridão dos subterrâneos, precisam ser trazidos de volta à superfície. Estruturas esparsas em uma vasta área e narrativas dispersas entre ruas e bairros precisam ser reaproximadas umas das outras, recolocadas em seu contexto e restituídas de seus sentidos.

Reside nesse ponto, a importância desta publicação e o notável trabalho dos pesquisadores que assinam os artigos. Por meio de suas análises, João Henrique Zanellato, Tiago da Silva Coelho, Paulo Sérgio Osório, Susane da Costa

Waschinewski, Giani Rabelo, Marli de Oliveira Costa, Michele Gonçalves Cardoso, Michelle Maria Stakonski Cechinel, Alcides Goularti Filho e Ismael Gonçalves Alves produzem um resgate minucioso de importante conjunto de bens e manifestações, cujo reconhecimento e salvaguarda são fundamentais para a compreensão plena da história da cidade de Criciúma e região.

O estado de Santa Catarina, multifacetado culturalmente, detém em seu território importante acervo relativo à industrialização nacional. Na bacia carbonífera, esse relevante conjunto se faz perceber por meio de signos e de expressões que insistem em se perpetuar para além de sua utilidade

prática e de seu tempo. De forma urgente, faz-se necessária a produção de detalhado inventário desses elementos em razão de sua proteção legal, sobretudo daqueles mais significativos, nas esferas adequadas, a fim de constituírem o Patrimônio Cultural Catarinense.

Diego M. R. Fermo

*Arquiteto/Gerente de Patrimônio Cultural
Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural
Fundação Catarinense de Cultura*

Os textos que integram o livro **Memórias e Identidades: as estruturas carboníferas como patrimônio cultural de Santa Catarina** são o fio condutor de uma história que nos leva a refletir, ao menos, em dois elementos fundamentais dos municípios envolvidos neste estudo e suas atividades industriais: a extração do carvão, que marcou a sociedade do sul de Santa Catarina durante o século XX, e seus remanescentes materiais e simbólicos, expressos no patrimônio cultural.

As marcas do passado industrial dos municípios dessa região e suas representações, tão presentes no cotidiano da cidade, são problematizadas e ressignificadas pelos autores do livro e produzem reflexões originais que foram oportunizadas a partir das discussões do grupo de pesquisa sobre patrimônio cultural e do Centro de Memória e Documentação da UNESCO (CEDOC).

Os textos exploram um aspecto da atividade industrial do carvão que frequentemente é esquecido quando a discussão é a cidade e seu desenvolvimento: as pessoas, que nessas

estruturas trabalharam e que tiveram suas vidas definidas e organizadas pela atividade carbonífera. Sob os olhares sensíveis dos autores, o foco da análise transcendeu a mera apresentação da complexa estrutura da indústria carvoeira, para conduzir o leitor ao universo do trabalho ali desenvolvido.

Ou seja, além de conhecermos em detalhes as atividades realizadas nas minas, os processos da extração do carvão, de seu armazenamento e transporte, a obra nos permite conhecer outro universo: o das práticas sociais dos trabalhadores do carvão que, além do lugar de trabalhar, ressignificaram o lugar de morar, o lugar de estudar, o lugar de rezar e o lugar de brincar, transformando-os em lugares de convívio e sociabilidade.

Acompanham os textos escritos, textos visuais: as fotografias; selecionadas e utilizadas para compor as discussões, elas acabam por construir narrativas acerca do tema e podem ser lidas de diversas maneiras. Algumas delas são fotografias das décadas de 1940 e 1950, que se encontram no acervo do

Grupo de Pesquisa Memória e Cultura do Carvão; outras são fotografias produzidas na atualidade. O primeiro conjunto é de imagens produzidas em preto e branco e apresenta temas diversos: a caixa de embarque do carvão; a vila operária; o posto de puericultura; o grupo escolar; um momento de greve dos mineiros; a presença de religiosas nas minas, dentre outras. Essas imagens que apresentam as pessoas como protagonistas da ação, nos instigam a pensar a respeito da dinâmica da vida cotidiana que girava em torno daquela atividade industrial. O segundo conjunto, de fotografias realizadas na sua maioria no ano de 2017, são imagens coloridas que apresentam um patrimônio cultural edificado, relacionado à mineração e que está em estado de ruínas: prédios que serviam como oficinas; escritórios; locais de lazer e de assistência à saúde; alguns exemplares das vilas operárias e alguns vazios urbanos onde se praticavam atividades ligadas à mineração. Essas, ao contrário das anteriores, mostram as ausências: das

pessoas, das atividades e dos cuidados com a memória da mineração. São vestígios de um passado industrial convocados pelo presente para serem lembrados.

Nesse sentido, os textos que compõem o livro, assim como as fotografias selecionadas para dialogarem com eles, contribuem para a construção de um imaginário social sobre o que pode se considerar como patrimônio cultural da mineração e proporcionam, ainda, reflexões importantes sobre o tema, bem como consolidam o campo de estudos na área e permitem novas pesquisas.

Daniela Pistorello

*Doutora em História, pela UNICAMP
Pós-doutora em História, pela UDESC*

13 INTRODUÇÃO

17 EXPERIÊNCIAS DO TRABALHO
NA MINERAÇÃO

João Henrique Zanelatto
Tiago da Silva Coelho

31 A EDUCAÇÃO E A MINERAÇÃO:
PISTAS DO PASSADO E DAS PERMANÊNCIAS

Paulo Sérgio Osório
Susane da Costa Waschinewski

41 LUGARES DE BENEFICÊNCIA:
INDÍCIOS DA ASSISTÊNCIA SOCIAL ÀS FAMÍLIAS OPERÁRIAS

Giani Rabelo
Ismael Gonçalves Alves

51 INDÍCIOS DOS MODOS DE VIDA:
O QUE SOBROU DAS VILAS OPERÁRIAS MINEIRAS?

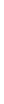
Marli de Oliveira Costa

59 ENTRETENIMENTO NA POEIRA DO CARVÃO:
LAZER, CONTROLE E RESSIGNIFICAÇÕES DA CLASSE OPERÁRIA

Michele Gonçalves Cardoso

69

EDIFICAÇÕES DA FÉ:
IGREJAS E CEMITÉRIOS DOS TEMPOS DA MINERAÇÃO



Michelle Maria Stakonski Cechinel

79

O TRANSPORTE NO COMPLEXO
CARBONÍFERO CATARINENSE



Alcides Goularti Filho

89

CARTOGRAFIA:
LUGARES DE MEMÓRIA DA MINERAÇÃO EM SANTA CATARINA



Susane da Costa Waschinewski

92

OUTRAS IMAGENS

105

REFERÊNCIAS

107

OS PESQUISADORES E AS PESQUISADORAS



As freiras visitando uma das minas da CSN. 1955. Relatório do SESI

20.18 30
26.11.55



A proposta desta publicação surgiu das discussões do Grupo de Pesquisa Patrimônio Cultural: histórias e memórias (certificado pelo CNPq) e do Centro de Memória e Documentação da UNESCO (CEDOC). O trabalho consiste na identificação do Patrimônio Cultural Carbonífero de Santa Catarina, buscando contribuir para a salvaguarda de suas memórias. Para tanto, foi realizado um levantamento de bens materiais imóveis que dizem respeito às atividades carboníferas em Santa Catarina e que encontram-se nas paisagens dos municípios que realizaram ou ainda realizam tais atividades em forma de edificações ou de ruínas. São eles: Criciúma, Capivari de Baixo, Içara, Imbituba, Jaguaruna, Laguna, Lauro Müller, Morro da Fumaça, Orleans, Pedras Grandes, Siderópolis, Treviso, Tubarão e Urussanga.

Para efetuar a coleta de imagens, inicialmente, foi consultado o acervo do Grupo de Pesquisa Memória e Cultura do Carvão (GPMCC) que, durante os anos de 2001 a 2010, organizou vasta documentação sobre a temática, atualmente

disponível para consulta no CEDOC. O segundo momento da investigação consistiu em visitar todos os lugares mapeados de 2002 a 2004 para identificar se as estruturas registradas pelo GPMCC ainda se encontravam nos locais visitados anteriormente e quais suas condições, registrando por meio de fotografias sua situação atual.

Ao retornar aos locais percebemos que algumas das estruturas desapareceram totalmente ou foram substituídas por loteamentos, como a primeira mina de Criciúma, localizada no Bairro Santo Antônio. Tivemos, inclusive, dificuldades em nos localizar, pois algumas edificações do início dos anos 2000 que nos serviam de referências para reconhecer os espaços, agora, não estavam mais lá. Tal constatação mostra a dinâmica de transformação das paisagens e a dificuldade das cidades em conviver com as estruturas consideradas “velhas”, “estorvos” e “feias”, paradigmas alimentados pela lógica do que deve ser compreendido como moderno.

As pistas das atividades carboníferas em Santa Catarina não se encontram apenas nas ruínas ou nas edificações que

resistiram às mudanças de paradigmas do que é moderno. Ao caminhar pelos municípios afetados por essa atividade econômica que refletiu sobremaneira na vida social e cultural das pessoas, é possível perceber as marcas dos empreendedores do carvão nas denominações de bairros, de ruas, de educandários e de clubes de recreação. Esses nomes cravam nas cidades a identidade de quem comandava. Raramente o nome de um trabalhador é lembrado e quando supostamente se ergue um monumento, como o Monumento ao Mineiro, situado no Centro de Criciúma, ele é anônimo. E representa apenas os homens, como se as mulheres não tivessem feito parte daquele contexto. As placas em torno da construção têm nome e identidade de quem? Dos os empresários do carvão.

Tais locais são, nas palavras do historiador francês, Pierre Nora, “lugares de memórias”.¹ Alguns erguidos para referendar a memória oficial dos empreendedores, permanecem, outros desapareceram ou tendem a desaparecer porque não referenciam mais a ideia de progresso ou não fazem alusão aos heróis do ciclo do carvão em Santa Catarina.

Podemos afirmar que essas edificações constituem-se patrimônio cultural que remetem às memórias de determinado tipo de trabalho que interferiu na paisagem dos lugares e construiu identidades. No entanto, a partir do momento

que essa atividade econômica deixou de ser muito rentável foi abandonada ou diminuída consideravelmente. Restam as marcas no espaço e nas lembranças de quem conviveu com tais experiências.

Esta publicação não pretende dar conta de todas as impregnações relacionadas às atividades carboníferas. Necessitaríamos de mais tempo de pesquisa para investigar com dedicação cada município e cada comunidade afetada pela mineração. O que lançamos neste momento é resultado de escolhas referentes aos imóveis considerados por nós com relevância e significado para integrar a obra.

O livro é composto de textos temáticos e reflexivos, de iconografia e de mapa temático localizando os pontos do patrimônio imóvel. A disposição das imagens foi realizada da seguinte forma: algumas fotos antigas, que evidenciam o período auge das atividades carboníferas, estão dispostas principalmente na abertura dos textos. Na sequência dos textos, colocamos imagens produzidas de 2002 a 2004 juntamente com as fotos realizadas em 2017 do mesmo local. No entanto, isso não foi possível para todos os lugares, visto a dificuldade em reencontrar essas estruturas depois de 13 anos (a pesquisa de 2002–2004 não realizou cartografia) ou o encontro com edificações que não haviam sido fotografadas anteriormente, mas que para este projeto consideramos importante contemplar. Quanto à construção dos textos, os pesquisadores e pesquisadoras escolheram temáticas de acordo com suas áreas de estudo.

¹ NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Tradução de Yara Khouri. São Paulo: PUC-SP, 1993. p. 7–28. Projeto História/10.

Os historiadores João Henrique Zanellato e Tiago da Silva Coelho se debruçaram sobre as edificações que reportam às memórias do trabalho na mineração, como as minas, os lavadores de carvão, as caixas de embarque do mineral, as sedes administrativas das empresas e as sedes dos sindicatos.

Os espaços relacionados à educação, principalmente as escolas, são apresentados pelo historiador Paulo Sérrgio Osório e pela geógrafa Susane da Costa Waschinewski. No entanto, por entendermos os museus como espaços educativos não formais, incluímos também as estruturas que foram musealizadas, como uma estação ferroviária e uma mina de carvão.

Os lugares que mostram as alianças realizadas entre Estado, Igreja e empresas, locais onde os trabalhadores e suas famílias recebiam assistência, como os hospitais, as farmácias, os ambulatórios e os postos de puericultura são problematizados pela educadora Giani Rabelo e pelo historiador Ismael Gonçalves Alves.

A historiadora Marli de Oliveira Costa aborda os lugares de memórias do cotidiano dos operários mineiros e suas famílias, evidenciando as casas das antigas vilas operárias mineiras, os armazéns, as padarias, enfim alguns imóveis que remetem ao modo de vida fora das minas.

Michele Gonçalves Cardoso, historiadora, discute o que sobrou dos espaços de diversão e entretenimento, principalmente os clubes recreativos, os estádios e campos de futebol.

Encontramos em nossa vigem os locais relacionados à fé, materializados nos templos religiosos e nos cemitérios; a historiadora Michelle Maria Stakonski Cechinel é quem os discute analisando o que dizem as imagens.

Por fim, os portos, a estrada de ferro e as pontes são relacionados às memórias do transporte do carvão, e quem os apresenta é o economista Alcides Goularti Filho.

No final do livro, se encontra o mapa temático com a localização desses equipamentos e fotografias de lugares visitados.

Assim, os pesquisadores e pesquisadoras acreditam que para além da contribuição com o reconhecimento do Patrimônio Cultural de Santa Catarina, associado aos bens materiais, que podem representar um segmento do Patrimônio Industrial Catarinense associado à mineração, esta publicação se apresenta como referência para a educação patrimonial nas escolas de Santa Catarina. Ajudará na sensibilização do cumprimento da Constituição brasileira, cujo artigo 216, versa sobre o direito à memória. Pois a destruição e o abandono de locais que acolheram a vivência de várias gerações afeta diretamente esse direito.

Este livro é resultado da pesquisa financiada pela chamada pública da FAPESC, nº 09/2015, edital de apoio a grupos de pesquisa das instituições do Sistema ACADE.

Agosto 945.
Greve dos operarios
da Propera -



Greve dos mineiros. Ao fundo, a sede do sindicato. Bairro São Cristóvão. Criciúma. 1945. Acervo CEDOC.

EXPERIÊNCIAS DO TRABALHO NA MINERAÇÃO

JOÃO HENRIQUE ZANELATTO
TIAGO DA SILVA COELHO

 As fotografias em preto e branco já foram realidade nos jornais e revistas mundo afora, atualmente elas chamam a atenção pelo distanciamento em relação às experiências cotidianas.

A luz é a principal ferramenta para cristalizar a imagem que se busca capturar, ela fixa no suporte um momento que Henri Cartier-Bresson¹ chamou de instante decisivo. A cor, por sua vez, traduz essa busca incessante que a fotografia teve durante sua história por se aproximar o mais fielmente do real possível. As imagens se inserem no cotidiano como artefatos da vida humana e dialogam com os seres cotidianamente, interferindo na forma como as pessoas vivem e veem o mundo, em suma possuem dimensões plurais, éticas e estéticas.

¹ CARTIER-BRESSON, Henri. O instante decisivo. *Revista Zum*, São Paulo, n. 1, out. 2011.

A cultura visual² busca observar as intersecções entre as imagens e os seres humanos, objetivando compreender como elas moldam as ações e as concepções de mundo daqueles que são ao mesmo tempo criadores e criaturas da visualidade. Cartier-Bresson cita o instante decisivo como uma janela para o tempo passado, a última esperança de que as coisas não se percam, já que dali não podem mais ser reconstruídas.

As reflexões de Cartier-Bresson podem muito bem ser aplicadas ao objetivo deste livro. Fixar por meio das imagens fragmentos temporais com o intuito de evitar seu desaparecimento, são restos de outros tempos, muitas vezes paisagens e ruínas, que, ou foram modificadas de suas funções ou desaparecem cotidianamente do mundo material e das memórias dos que dela retiraram seu sustento. Da mesma forma que

² MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11–36, jul. 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882003000100002>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

essas fotografias são artefatos agora entregues ao leitor, assim o são os espaços que elas retratam: as estruturas carboníferas do sul de Santa Catarina. Portanto, assim como as imagens, essas estruturas interferem no cotidiano daqueles/as que as frequentaram diuturnamente nos seus espaços de trabalho.

As caixas de embarque, bocas de minas, oficinas, escritórios, chaminés, coqueiras, sedes administrativas, bustos e sindicatos são agentes catalisadores de memórias vivas, de saberes práticos e de experiências únicas. Desde Criciúma até Imbituba, de Lauro Müller, Urussanga, Içara, Treviso, Sidetrópolis até Tubarão, milhares de vidas, de experiências humanas foram transformadas por essas estruturas que hoje, em grande parte correm o risco de se transformarem em ruínas.

Entendemos que combinam muito bem esses artefatos tratados aqui: a fotografia e as estruturas da atividade carbonífera, pois eles protagonizam a dualidade da vida humana, passado-presente, visível-invisível, luz-sombra, morte-vida, cabendo muito bem a percepção fragmentária de Walter Benjamin, tentando colecionar por meio das imagens os cacos de um tempo que já não é mais. Portanto, as memórias cumprem o papel de dar vida a esses artefatos e às estruturas; imagens que possibilitam perceber a existência de pessoas e de experiências. Ampliam-se aos mundos do trabalho, deixam

transparecer que a madeira, o metal e o concreto são amparos para as vidas de mulheres, de homens, de crianças, de jovens, de velhos, de mineradores, de ferroviários/as, de mineiros/as, os quais cotidianamente habitavam aquelas estruturas, mesmo que hoje elas se esvaíam em decorrência do tempo.³

São nesses termos que o patrimônio industrial se ampara, ele busca salvaguardar as memórias e experiências de trabalhadores/as, nesse caso das atividades vinculadas à mineração de carvão, mas também os saberes e as estruturas. A dimensão arquitetônica também é levada em conta, já que nelas estão inseridos os saberes produzidos pelas pessoas relacionadas às atividades na mineração.⁴ A perda desses espaços, dessas estruturas carboníferas, ou a ela conectadas, é sensível prejuízo ao direito de memória, sem contar aos processos de escrita da história, regional, estadual e nacional.

O carvão criou uma estrutura ao seu redor, atraindo milhares de trabalhadores provenientes dos vários municípios

³ OLIVEIRA, Elane Abreu de. *A fotografia como ruína*. 2009. 120 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

⁴ MENEGUELLO, Cristina. Patrimônio industrial como tema de pesquisa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, I., 2011, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UDESC, 2011. p. 1819–1834.

da região (Araranguá, Jaguaruna, Imaruí, Laguna), e, também, de outros estados; agricultores, pescadores que abandonaram suas antigas formas de trabalho e migraram para Criciúma na perspectiva de melhorarem suas condições de vida.

Mas a experiência frente às minas de carvão foi de extrema dificuldade para os/as trabalhadores/as. Nos subterrâneos das estruturas do carvão homens e mulheres enfrentaram péssimas condições de trabalho, Ao descer nas gaiolas das bocas da minas a uma profundidade que chegava a ultrapassar os cem metros; ao carregar e empurrar os troles por mais de três quilômetros no subsolo das minas; ao perfurar com os martelos as pedras, ao carregar com pólvora, dinamite, espoleta, ao lidar com as explosões (essas detonações soltavam poeira que deixava o corpo dos trabalhadores escuro como o carvão, além de inalarem o pó que com o tempo provocava a doença mais grave que acometia os mineiros – a pneumoconiose); as mulheres ao separar o rejeito (pirita) do carvão⁵; homens e mulheres também mantinham o bom funcionamento dos transportes, para que pessoas, carvão e mercadorias fossem levados de lá para cá.

⁵ CAROLA, Carlos Renato. *Dos subterrâneos da História: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937–1964)*. Florianópolis: EdUFSC, 2002.

O trabalho no subsolo das minas provocou/provoca inúmeros acidentes de trabalho. Foram muitos os que tiveram a vida ceifada ou foram mutilados, vítimas dos graves acidentes – explosões, desmoronamentos, alagamentos, atropelamentos. Portanto, a maneira de o mineiro se relacionar com o objeto de seu trabalho – a mineração, o carvão – torna-se para ele como um objeto “estranho” que não o pertence. Depois de ter extraído toneladas de minério do subsolo, ou de ter transportado por suas linhas férreas, em exaustivas jornadas de trabalho, o trabalhador não recebe o produto de seu trabalho, mas somente possibilita, no limite, reproduzir sua existência e de sua família. O que permanece pertencendo ao mineiro é sua força de trabalho⁶, além das relações que ele estabelece com as estruturas que o circundam.

Frente às péssimas condições de trabalho nas estruturas do carvão os trabalhadores resistiram individualmente, coletivamente, fora dos espaços formais e nos espaços institucionalizados. Criando sindicatos ou ainda utilizando as associações recreativas para movimentos combativos⁷. Ao longo das décadas seguintes por meio de sua organização

⁶ MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

⁷ VOLPATO, Terezinha Gascho. *A pirita humana: os mineiros de Criciúma*. Florianópolis: EdUFSC, 1984.

os trabalhadores travaram muitas batalhas enfrentando o capital nas lutas por melhores salários, condições de trabalho, moradia, insalubridade, aposentadoria. Desde as fundações de seus sindicatos, as categorias encabeçaram uma centena de greves, sendo reconhecidos nacionalmente por sua capacidade de luta⁸.

Muitos trabalhadores mutilados recorreram individualmente à legislação trabalhista voltada para reparação de acidentes de trabalho, reivindicando indenização ou aposentadoria, pois possuíam consciência de que era necessário utilizar os meios legais disponíveis para não serem massacrados pela força dos empregadores.

⁸ MIRANDA, Antônio Luiz. *Trajatória e experiência do movimento operário sindical de Criciúma/SC: da ditadura militar à nova república*. 2013. 238 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

No cotidiano eram constantes as tensões com capatazes, encarregados, criando a necessidade de mobilizações externas aos sindicatos, o que nos possibilita compreender a experiência dos trabalhadores das minas de carvão como um processo de fazer-se, nas palavras de Thompson “Fazer-se, porque é um estudo sobre um processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos. A classe operária não surgiu tal como o Sol numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio fazer-se”.⁹

[\[Volta ao Sumário\]](#)

⁹ THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. I. p. 9.



Antigo escritório da Cia Carbonifera Barro Branco. Lauro Müller. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Primeira boca de mina: Visconde de Barbacena (século XIX). Lauro Müller. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Busto de Henrique Lage, empresário carioca atuante na mineração, em Santa Catarina, principalmente em Imbituba. Praça Henrique Lage. Centro. Lauro Müller. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



*Castelo de Henrique Lage (castelinho). Lauro Müller. 2003.
Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.*



*Castelo construído por Henrique Lage. Lauro Müller. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Lavador da
Mina Fontanella
e Lavador da
Mina Esperança:
um antigo e
outro novo.
Treviso. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



Oficina da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. 2003. Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.



Pavilhão das oficinas da CSN. Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Escritório da CSN. Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. 2003. Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.



Ruínas do escritório da CSN. Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Escritório da CSN.
Bairro Próspera.
Criciúma. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.



Oficinas da CSN. Bairro Próspera. Criciúma. 2004.
Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.



Ruínas das oficinas da CSN. Bairro Próspera.
Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Caixa de embarque do carvão. Bairro Vila Francesa. Distrito de Rio Maina, Criciúma. 2003. Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.



Local da antiga caixa de embarque do carvão. Bairro Vila Francesa. Distrito de Rio Maina. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Antiga caixa de embarque do carvão. Bairro Laranjinha. Distrito de Rio Maina Criciúma. 2003. Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.



Caixa de embarque do carvão. Bairro Laranjinha. Distrito de Rio Maina. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



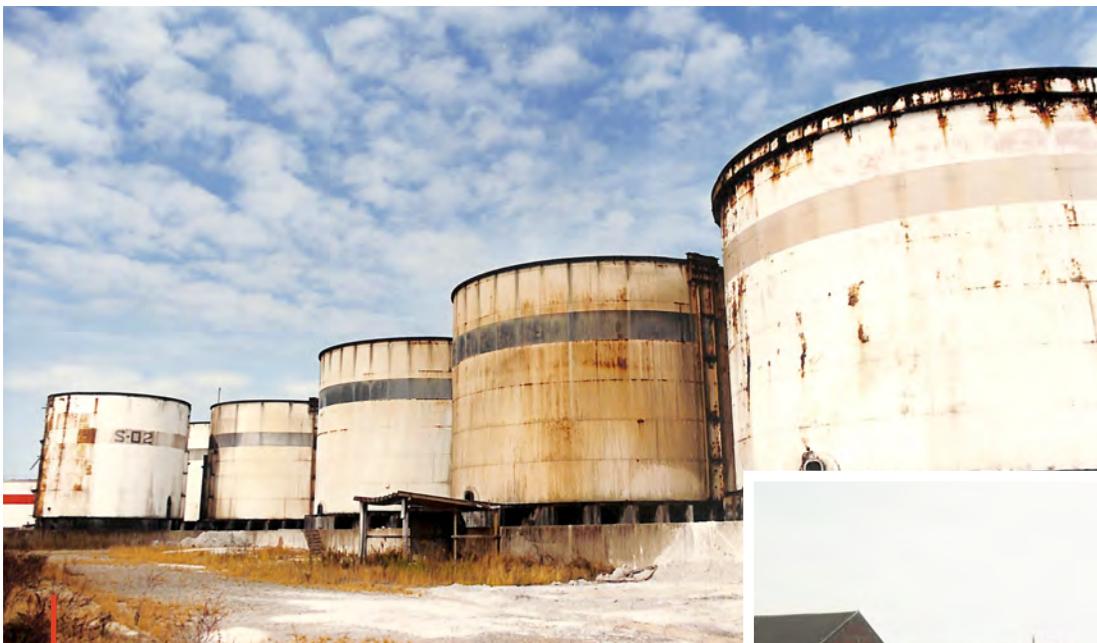
Antigo lavador. Capivari. 2002. Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.



*Complexo
Termelétrico
Jorge Lacerda,
UTL A (Unidades
1, 2, 3 e 4).
Capivari de
Baixo. 2002.
Fotógrafo
Gilmar Axé.*



*Antigo lavador. Capivari. 2002.
Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.*



*Indústria Carboquímica Catarinense (ICC).
Imbituba. 2003. Fotografia Gilmar Axé. Acervo MCC.*



*Indústria Carboquímica Catarinense (ICC).
Imbituba. 2017. Fotografia Gilmar Axé. Acervo MCC.*



Grupo Escolar Dr. Tullo Cavallazzi inaugurado em 1959. Atual Escola de Educação Básica Dr. Tullo Cavallazzi. Antiga escola do SENAI ligada à CSN. Bairro Rio Fiorita, Siderópolis. 1959. Acervo de Rogério Dalasso.

A EDUCAÇÃO E A MINERAÇÃO:

PISTAS DO PASSADO
E DAS PERMANÊNCIAS



PAULO SÉRGIO OSÓRIO
SUSANE DA COSTA WASCHINEWSKI

 A região que abrange a rota do carvão mineral em Santa Catarina começou a ser ocupada efetivamente por grupos não indígenas¹ desde o século XVII. No entanto, a descoberta desse mineral fóssil se deu no final do século XVIII, impulsionando uma série de prospecções e estudos ao longo do século XIX como forma de confirmar sua existência, quantidade, qualidade e viabilidade de sua exploração. Sua efetividade se deu por obra do empreendimento capitaneado pelo Visconde de Barbacena a partir de 1884, quando foi concluído o primeiro traçado da estrada de ferro entre Imbituba e o lugar chamado Minas, hoje município de Lauro Müller. Local, onde, no mesmo ano, foi aberta a primeira boca de mina.

¹ Toda essa região era ocupada desde tempos pretéritos por populações indígenas, como os Tupi-Guaraní do litoral, os Xokleng da Mata Atlântica e os Kaingang do Planalto. Essas populações, principalmente os Xokleng, foram afetadas pelo processo colonizador que ocorreu dentro do mesmo recorte temporal do início da exploração do carvão no século XIX e acabaram desaparecendo da região.

Esse primeiro momento de exploração do carvão, no entanto, teve vida curta e foi interrompido ainda no século XIX. Mesmo assim, daquele momento em diante, a paisagem regional seria profundamente marcada pelas ações decorrentes das atividades carboníferas deixando um rastro de vestígios – restos e ruínas – que configuram parte do patrimônio cultural vinculado à atividade econômica que alterou profundamente a paisagem dos lugares por onde passou. Da mesma forma, a vida das pessoas que experimentaram aquele processo “modernizador” desencadeado e impulsionado no século XIX. Mas foi, sobretudo, no século XX, no período que seguiu a eclosão da Primeira Guerra Mundial que a exploração do carvão ressurgiu com força e, mais tarde, na década de 1940, foi possível observar o primeiro grande “boom” da economia mineradora catarinense.

Esse foi um período de muitas transformações em toda a região e de intensa movimentação de pessoas que migravam, principalmente do litoral, em busca de um emprego na

crescente indústria do carvão. Emprego que traduzia o sonho de uma “vida melhor”. Eram homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos, muitas vezes famílias inteiras que buscavam uma oportunidade no sonho da modernidade. Nesse período, foram construídas diversas estruturas ligadas à cultura do carvão, como bocas de mina, ramais de estradas de ferro e lavadores de carvão. Foram construídas também as vilas operárias e com elas, os armazéns, os clubes recreativos, os campos de futebol e as escolas onde iam estudar os filhos e filhas dos operários mineiros que, muitas vezes, também desempenhavam alguma função ligada à mineração. Por exemplo, além de irem à escola, também realizavam atividades domésticas ou pequenos serviços, como era o caso dos chamados “almoceiros”, que eram encarregados de fazer a entrega dos almoços para os trabalhadores das minas, ou mesmo trabalhando na escolha do carvão, atividade majoritariamente ocupada por mulheres e por adolescentes.

Muitas das escolas desapareceram no tempo, e, com elas, muitas das tantas memórias escolares, sobrando apenas ruínas ou restos carregados de memórias incrustadas nos destroços e esmaecidas no tempo. Outras resistiram e chegaram até os nossos dias e permanecem presentes na paisagem das comunidades, ajudando-nos a lembrar de tempos

passados, de uma cultura escolar indissociada da do carvão. São edificações que resistiram – e ainda resistem – à lógica paradigmática imposta pela modernidade, na qual a necessidade do “novo” em detrimento do “velho” se apresenta de forma imperiosa, ininterrupta e voraz, muitas vezes, expressa pela ambiciosa especulação imobiliária.

São educandários que, invariavelmente, trazem nomes de “homens” que reforçam as memórias e a identidade ligada, quase que exclusivamente, às elites do carvão, aqueles que empreenderam e lucraram com a atividade que degradou lugares e pessoas. Uma dessas escolas é o Grupo Escolar Visconde de Mauá, localizado no bairro Oficinas no município de Tubarão, inaugurado em 18 de abril de 1943. A escolha do nome “Visconde de Mauá”, deu-se por causa do grande incremento na economia nessa localidade, em virtude da instalação da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, assim o nome faz alusão ao precursor da estrada de ferro no País.

Outro educandário que tem seu nome atribuído aos grandes empresários mineradores é a Escola Henrique Lage, localizada no centro do município de Imbituba, fundada em 1920 por determinação do próprio empresário, com o objetivo de atender aos filhos dos operários. No início a escola funcionava ao lado do escritório da Estrada de Ferro Dona

Tereza Cristina, e se chamava “Escola Reunida Feminina”, com o crescente número de alunos/as a escola foi sendo ampliada. Segundo a Ata de Inauguração, “Aos 11 dias do mês de outubro de 1936, com a presença de Henrique Lage e autoridades, foi inaugurado o Grupo Escolar “Henrique Lage”.”

Na programação da festa inaugural, constavam: missa campal, benzimento do edifício, entronização do Crucifixo, formatura dos alunos, recepção ao Diretor do Departamento de Educação, homenagem à Bandeira, ato inaugural, Hino do Estado, recitativos e cantos, ginástica, desfile dos alunos, entrada deles na sala de honra, assinatura da ata, música e canto, encerramento com Hino Nacional.²

Repleta de ritos, dava-se mais uma inauguração de educandários que serviam para a formação dos filhos e filhas dos operários mineiros, ao mesmo tempo em que enaltecia a figura do minerador e construía um discurso modernizante.

Por outro lado, quando fazem alguma referência ao operariado mineiro, o fazem de forma generalista, como

² O acervo digital do Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina (CEMESSC), coordenado pelo Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação (GRUPEHME), está disponível em: <http://www.bib.unesc.net/muesc/cemessc_files/historico_132661.pdf>. Acesso em: 13 set. 2017.

no caso da “Escola Particular Filho do Mineiro”, hoje denominada de E.M.E.F. Filho do Mineiro, localizada no bairro Metropol, antiga vila operária do distrito de Rio Maina, na cidade de Criciúma. O educandário, fundado no início da década de 1970, teve o início de suas atividades nas antigas instalações do Hotel Metropol e foi mantido pela Empresa Carbonífera Metropolitana até 1977, quando, tempos mais tarde, foi reinaugurado e passou a ser mantido pela Prefeitura Municipal de Criciúma.

Além desses, outros tantos educandários foram edificados, como as Escolas do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), criadas no ano de 1942 por meio do Decreto-Lei nº 4.048, a Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão (SATC), criada 1959, por iniciativa da Indústria Carbonífera de Santa Catarina. E, alguns lugares de trabalho que foram musealizados e transformados em espaços de educação não formais, como o Museu Ferroviário em Tubarão, criado em 1997, as Minas de Visitação de Criciúma, a Mina Modelo Caetano Sônego, criada em 1984, e desativada por falta de manutenção em 2013, e a Mina de Visitação Octávio Fontana, inaugurada em 2011.

Importante ressaltar que os empreendimentos capitalistas do carvão atraíram pessoas num fluxo contínuo, que

passaram a se organizar nas vilas operárias e, a partir delas, passaram também a reivindicar outros equipamentos necessários à vida comunitária e urbana. Entre os equipamentos, estavam as escolas que, em sua maioria, foram criadas pela força da organização e reivindicação das famílias operárias, embora a historiografia tradicional credite essas ações à benevolência dos empresários.

Portanto, todas essas escolas que foram criadas no contexto da mineração do carvão em Santa Catarina, dentro de uma lógica e perspectiva de modernidade industrial também fazem parte do complexo que compõem o patrimônio industrial da região atravessada por essa atividade econômica. São, também, portadoras e evocadoras de memórias e identidades.

[\[Volta ao Sumário\]](#)



*Ruínas da escola do SENAI, que funcionava nas estruturas da CSN. 2017. Bairro Próspera.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



E.E.B. Túlio Cavallazzi. Antiga Escola do SENAI, que formava os trabalhadores da CSN. Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. 2017. Acervo CEDOC.



*Sociedade de Assistência aos
Trabalhadores do Carvão (SATC).
Bairro Pinheirinho. Criciúma. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Mina de Visitação Otávio Fontana. Bairro Napolini.
Criciúma. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Escola Visconde de Mauá. Bairro Oficinas. Tubarão. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*E.E.B. Henrique Lage. Imbituba. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Museu
Ferroviário.
Bairro Oficinas.
Tubarão. 2002.
Fotógrafo
Gilmar Axé.*



Mina Modelo Caetano Sonego. Bairro Mina Brasil. Década de 1990. Acervo CEDOC.



Restos da Mina Modelo Caetano Sonego. Bairro Mina Brasil. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Casa do Agente Ferroviário. Centro. Jaguaruna. 2004. Fotógrafo Gilmar Axé.



Casa do Agente Ferroviário. Centro. Jaguaruna. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Casa Assistencial Imaculada Conceição. Residência das Pequenas Irmãs da Divina Providência. Vila Operária Próspera. 1955. Criciúma. Álbum Relatório/SESI das Irmãs da Congregação Pequenas Irmãs da Divina Providência.



O custo social e ambiental herdado pela região que serviu de base para o desenvolvimento das atividades carboníferas e seus sujeitos, durante o século XX, no sul de Santa Catarina, foi muito alto. Os problemas sociais foram se avolumando na mesma proporção em que crescia o número de minas e, conseqüentemente, o número de trabalhadores e vilas operárias. Paralelamente aos discursos que exaltavam o “progresso” das cidades envolvidas pelas atividades do complexo carbonífero, proliferavam também discursos que denunciavam os prejuízos à qualidade de vida dos moradores da região. Via de regra, as reivindicações alicerçavam-se na ideia de que era necessário ampliar e melhorar as redes de assistência social aos operários e a seus familiares.

Dessa forma, assim como em outras partes do País, paulatinamente a Região Carbonífera Catarinense foi se tornando, para elites locais, em um complexo problema “médico-sanitário-social” – falta de saneamento, de água tratada, de serviços hospitalares; escassez de alimentos, altos índices

de mortalidade etc. – que deveria ser sanado o mais rápido possível. Dentre os diversos problemas que atingiam a população da região, os constantes surtos de doenças infectocontagiosas foram os que mais chamaram a atenção das autoridades locais, pois impactavam diretamente na mão-de-obra. Essas enfermidades, segundo o médico-sanitarista do Departamento Nacional de Produção Mineral, Francisco de Paula Boa Nova Junior,¹ era resultado dos aspectos climáticos regionais, que juntamente com as questões sanitárias, associadas à falta de recolhimento do esgoto e de água tratada, tornavam-se vetores de contaminação da população mais pobre. Doenças, como varíola, varicela, difteria, desintérias e principalmente o tifo se tornaram rotineiras na região.

Na tentativa de controlar a saúde das camadas mais pobres, as elites da cidade e região iniciaram uma “cruzada”

¹ BOA NOVA JUNIOR, Francisco de Paula. *Problemas médico-sociais da indústria carbonífera sul catarinense*. Rio de Janeiro: DNPM, 1953. Boletim nº 95, p. 33.

na tentativa de reordenar a vida do trabalhador mineiro, pois as doenças surgidas nas periferias logo se expandiriam. Segundo Gilberto Hochman,² as doenças contagiosas no Brasil criaram uma relação de interdependência entre os grupos sociais. As elites possuíam a consciência de que as condições sanitárias precárias das populações pobres poderiam se transformar também em um perigo para a existência do seu próprio círculo de atividades.

Nesse sentido, foi criada na região uma série de medidas assistenciais que tentava amenizar ou até mesmo eliminar os efeitos negativos dessa interdependência, como a ampliação da rede de saúde, a criação de sistemas de vigilância sanitária, a reurbanização das cidades, a realização de campanhas de vacinação, a construção de postos de puericultura, de hospitais e de maternidades que, interligados, constituíam o Sistema de Assistência à Saúde da Região Carbonífera Catarinense.

Uma rede de instituições governamentais e não governamentais foi constituída com o intuito de abrandar os graves problemas gerados pelo “progresso” desordenado, pela urbanização desenfreada e pela própria degradação da atividade

² HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases de Saúde pública no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

carbonífera estruturada em moldes arcaicos. Frente a essas novas problemáticas houve, por parte do Estado e de inúmeras outras instituições de caridade e filantrópicas, a tentativa de higienizar, de medicalizar, de disciplinar, de evangelizar os operários e suas famílias e, principalmente, de inculcar novos hábitos e valores no cotidiano das vilas operárias, a fim de produzir operários obedientes, disciplinados e produtivos.

Entre os problemas vivenciados pelas famílias, a mortalidade infantil e as más condições de moradia ocuparam um lugar central, configurando-se nos principais focos das ações e das preocupações de instituições e de diferentes segmentos sociais. Mesmo com a referência a algumas medidas preventivas na área da saúde e no campo da puericultura, o debate em torno desse tema foi vigoroso, principalmente nas décadas de 1950 e 1960.

A reorganização e o ajustamento da vida das famílias à realidade das vilas operárias implicaram a criação e o financiamento de programas assistenciais por parte do Estado, de empresários, da Igreja e da sociedade civil organizada, alguns mais eficazes que outros. Houve a criação de uma ampla rede composta pela articulação de instituições, como: o Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM); a Comissão do Plano do Carvão Nacional (CEPCAN), representando o Estado;

o Serviço Social da Indústria (SESI); a Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão (SATC), representando os mineradores; a Sociedade Criciumense de Amparo aos Necessitados (SCAN), representando a sociedade civil organizada; os políticos, por meio de seus discursos e ações parlamentares; e como foco central desse trabalho, a Igreja, que dirigiu suas ações às famílias operárias, tendo como protagonistas as

congregações religiosas femininas, pronunciando-se por meio de seus sacerdotes e, além disso, fazendo-se presente pelas obras de caridade. Dessa forma, a assistência aos trabalhadores mineiros e suas famílias tornou-se importante aspecto no ordenamento cotidiano, instaurando entre a população local constante processo de vigilância sanitária que desembocaria na maior produtividade das empresas locais.

[\[Volta ao Sumário\]](#)



Ambulatório que pertencia à CSN. Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. 2003. Fotografia Gilmar Axé.



Ambulatório que pertencia à CSN. Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. 2017. Fotografia Gilmar Axé.



Hospital Municipal Henrique Lage. Lauro Müller. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Casas das Irmãs da Congregação Filhas do Divino Zelo. Bairro Mineração. Içara. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Casa Assistencial da Congregação Filhas do Divino Zelo. Bairro Mineração. Içara. 1959. Álbum de fotografias das Filhas do Divino Zelo.



*Construção do Hospital São José. Centro.
Criciúma. 1944.*



*Vista do Hospital São José. Centro. Criciúma. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



Posto de Puericultura. Bairro Santa Bárbara. Criciúma. 1942. Acervo de Maria Barcelos de Oliveira.



Local do antigo Posto de Puericultura. Bairro Santa Bárbara. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Ruínas do antigo prédio do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), local onde também se realizava assistência à saúde dos trabalhadores. Centro. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), local onde também se realizava assistência à saúde dos trabalhadores. Centro. Criciúma. 1945.⁴

⁴ *Ibid.*, p. 33.



Vila operária mineira. Casas construídas pela CSN, em 1956. Bairro Próspera. Criciúma. 1957. Álbum Relatório/SESI das Irmãs da Congregação Pequenas Irmãs da Divina Providência.

INDÍCIOS DOS MODOS DE VIDA:

O QUE SOBROU DAS VILAS
OPERÁRIAS MINEIRAS?



MARLI DE OLIVEIRA COSTA



O tempo segue seu curso, os espaços geográficos parecem permanecer, os territórios e os lugares se modificam. Os territórios são afetados pelos interesses políticos e econômicos. Os lugares se transformam de acordo com as vontades humanas. Essas vontades mudam com as exigências de cada tempo. No que se refere às vilas operárias mineiras, o que resta? Como identificar o modo de vida de um lugar atingido pelas mudanças econômicas?

A arquiteta Paula Landim aponta que um espaço recebe a conotação de lugar quando cidadãos e cidadãs, em seu percurso pelas cidades, conseguem estabelecer elo entre eles e o local no reconhecimento das edificações que se apresentam.

Assim, pois, todo espaço edificado é identificado por determinadas características que compõem sua particularidade, transformando-o num **lugar** para aquela comunidade que o habita.¹

¹ LANDIM, Paula. Percepção e preservação do patrimônio arquitetônico. In: SEMINÁRIO NACIONAL, V., ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PRESERVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO FERROVIÁRIA, I., Piracicaba. *Anais...* Piracicaba, UNIMEP, 2001. p. 2. (grifo do autor).

O século XX, como frisou o historiador Eric Hobsbawm², foi o período das maiores transformações tecnológicas e sociais de todos os tempos. Nesse século, foram presenciadas modificações aceleradas nas paisagens das cidades, principalmente nos centros urbanos. Tais transformações, em espaço de tempo demasiado curto, afeta as memórias, o imaginário e as referências dos lugares, pois restam poucas testemunhas edificadas do passado.

No entanto, em nosso trabalho de busca das estruturas da mineração em Santa Catarina, no que se refere às vilas operárias, foi possível identificar entre os destroços, alguns resíduos de outras temporalidades. Ou seja, pistas do modo de organizar a vida nas vilas operárias habitadas pelos trabalhadores das minas de carvão e por suas famílias, seu cotidiano.

Assim que se iniciou a exploração do carvão, as empresas mineradoras ofereciam uma espécie de alojamento

² HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914–1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

para os trabalhadores mineiros e/ou alguns moradores que viviam nas localidades antes de serem mineradas. Construíram pequenas casas de madeira ou de pau-a-pique, como o caso da primeira Vila Operária da Próspera, para aluguel. Dos anos 1920 a 1930, no entanto, as empresas buscaram construir vilas seguindo os modelos europeus. Tais modelos ofereciam aos trabalhadores e sua família uma série de “benefícios”, como: casa, armazém, clube recreativo, farmácia, água potável etc.³

Nossa viagem de reconhecimento do patrimônio cultural associado às atividades carboníferas em Santa Catarina pôde identificar exemplares desses locais com poucas modificações, a exemplo da vila operária em Itanema, em Lauro Müller, quase inalterada. Outros locais, no entanto, apresentam apenas alguns indícios do que um dia foi uma vila.

Entre as vilas operárias visitadas destacamos, em Criciúma, a pertencente à Companhia Próspera S.A., que em 1952 passou a maioria das ações à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), e a pertencente à Companhia Brasileira Car-

³ COSTA, Marli de Oliveira. *Artes de viver: recriando e reinventando espaços-memórias das famílias da Vila Operária Mineira Próspera/Criciúma (1945–1961)*. 1999. 206 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

bonífera Araranguá (CBCA), denominada Vila Operária Santa Bárbara. E, em Siderópolis, a Vila Operária de Rio Fiorita, pertencente à CSN, porque são as vilas que possuímos mais estudos específicos.

O que essas empresas ofereciam em forma de benefícios aos trabalhadores e suas famílias? As casas, cujo aluguel era descontado na folha de pagamento, a água potável, pois as mineradoras destruíram em pouco tempo as nascentes de água. E, em algumas, como a CSN, o mercado, a padaria e a farmácia.

Para exemplificar o cotidiano nas vilas operárias da década de 1950 a de 1970, apresentamos de forma geral três experiências: a) do homem operário mineiro: trabalhar de acordo com o turno na mina, fazer as refeições enviadas pela esposa, chegar em casa e banhar-se em uma bacia de alumínio ou, como na Vila da Próspera, banhar-se no chuveiro coletivo construído pelas freiras da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência. Repousar ou, por vezes, frequentar o boteco, jogar cartas, tomar uma cachaça e combinar a próxima partida de futebol ou a ida à Maracangalha⁴; b) da mulher esposa: acordar com a sirene da Maria Fumaça, acender o fogão a lenha, preparar o café, enviar os filhos/as mais

⁴ Zona do Meretrício, em Criciúma.

velhos à escola, iniciar o almoço, pois teria de ser encaminhado, às 10 horas, para os esposos, na Mina, tirar lenhas junto com as crianças nos matagais próximos, buscar água potável na Carioca, pegar as filas para compra no armazém da Companhia e lavar roupas nos pontos onde eram dispostos os coxos (tanques de madeira); c) as crianças: as mais novas ficavam em casa junto com a mãe, circulavam pelos quintais e pelas ruas da vila, às vezes seminuas. As maiores iam à escola e ajudavam nos serviços de manutenção da casa. Algumas eram

almoceiras, levavam o almoço para seus pais e vizinhos nas minas de carvão. Outras participavam de atividades educativas e recreativas nas vilas operárias cujas empresas realizaram parcerias com algumas ordens religiosas.

Desse modo, construía, no dia a dia, mil formas de viver, as quais são impossíveis registrar nestas páginas, mas as imagens que seguem podem fazer brotar algumas lembranças de quem experimentou a vida nessas vilas.

[\[Volta ao Sumário\]](#)



*Vila Operária Mineira em Itanema. Lauro Müller, 2003.
Fotógrafo Gilmar Axé*



*Bairro Fiorita. Siderópolis, 2003.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casas da Vila Operária Próspera construída em 1956. Criciúma, 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



Padaria da CSN. Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. Década de 1950. Acervo CEDOC.



Antiga Padaria da CSN. Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. 2017. Fotografia Gilmar Axé.



Açougue na Vila Operária. Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. Década de 1950. Acervo CEDOC.



Prédio do antigo açougue na Vila Operária. Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. 2017.



*Central de Abastecimento da Prefeitura Municipal.
Antigo Armazém da Próspera e Mercado do SESI.
Bairro Próspera. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.*



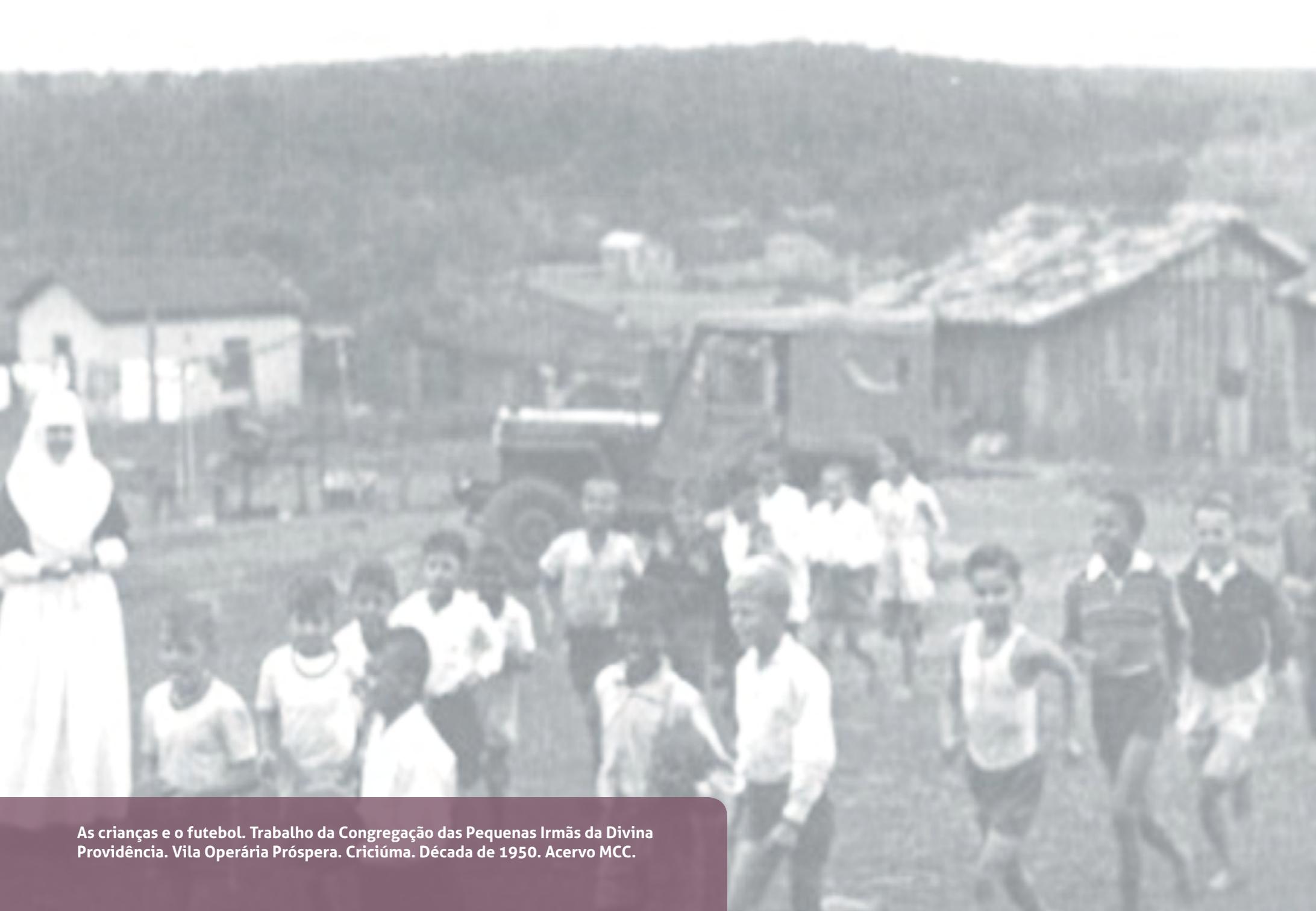
*Casas geminadas. Bairro Mineração. Içara. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Vila Operária Velha. Bairro Santa Bárbara.
Década de 1940. Criciúma. Acervo MCC.*



*Antiga rua da Vila Operária Velha. Bairro Santa Bárbara.
Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.*



As crianças e o futebol. Trabalho da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência. Vila Operária Próspera. Criciúma. Década de 1950. Acervo MCC.

ENTRETENIMENTO NA POEIRA DO CARVÃO:

LAZER, CONTROLE E
RESSIGNIFICAÇÕES
DA CLASSE OPERÁRIA



MICHELE GONÇALVES CARDOSO

 Ao caminharmos com os olhares atentos pelas estruturas que remetem às atividades carboníferas no sul catarinense, conseguimos refletir sobre a necessidade de considerar o patrimônio industrial em sua dimensão mais ampla.¹ Muito além das estruturas físicas, – preservadas ou marcadas pelo descaço humano ou pela ação implacável do tempo – é fundamental valorizarmos a preservação das memórias do trabalho e dos trabalhadores e das trabalhadoras.

Essas memórias são constituídas pelas práticas cotidianas, dentro e fora do espaço de produção, e são reveladas na rotina do trabalho, nos saberes técnicos, nas práticas religiosas, na organização de espaços reivindicatórios, como também, nos locais de sociabilidade. A dimensão imaterial dessas práticas ultrapassa o espaço formal de trabalho sendo compartilhada por toda comunidade que circunda esse complexo

¹ MENEGUELO, Cristina. Patrimônio industrial como tema de pesquisa. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, I., 2011, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UDESC, 2011. p. 1819–1834.

industrial, reverberando essas memórias por gerações. Desse modo, além de constituidora desse patrimônio industrial, essas memórias são também responsáveis por dar sentido às diversas edificações espalhadas pelo sul catarinense.

Circulando pelas cidades que carregam as marcas das atividades carboníferas, percebemos, no cruzamento da materialidade e da imaterialidade, a configuração de diversos territórios. Esses territórios narram as estruturas e os saberes relacionados ao transporte do carvão, ou à padronização das vilas operárias tão característica dos processos industriais, ou ainda, dos espaços de sociabilidade e de lazer instituídos como instrumento de controle, mas ressignificados pelas práticas cotidianas.

Sobre os espaços de entretenimento, podemos afirmar que ao fomentar a criação desses locais, o empresariado objetivava maior controle do tempo livre do operariado e de seus familiares. De igual modo, esses espaços de lazer difundiam a disciplina e valores civilizatórios, além de serem

instrumentos atenuantes dos atritos entre patrão e empregado. Melhor exemplo da materialização desses discursos são as praças esportivas e seus respectivos clubes de futebol. Seguindo a máxima de que cada “boca de mina” tinha um time, o sul catarinense viu o esporte bretão praticado entre as elites se popularizar de modo febril entre a classe trabalhadora.

Somente de 1939 a 1947², foram fundados na cidade de Criciúma seis clubes de futebol: Ouro Preto Futebol Clube, Atlético Operário Futebol Clube, Esporte Clube Metrópol, Esporte Clube Próspera, São Paulo Futebol Clube e Comerciaro Esporte Clube.³ Com o objetivo de organizar a participação desses clubes em campeonatos, e, ainda, normatizar as práticas dos clubes dentro e fora de campo, surgiu em 1948 a Liga Atlético da Região Mineira (LARM).

O futebol como forma de sociabilidade, campo de disputas simbólicas e catalizador de ardentes paixões, tornou-se

² O primeiro clube de futebol fundado no sul catarinense foi o Hercílio Luz Futebol Clube, de Tubarão, criado em dezembro de 1918. Em Criciúma, o Mampituba Football Clube, fundado em 18 de maio de 1924, foi o primeiro time de futebol oficial da cidade, que no período, ainda pertencia ao município de Araranguá.

³ MONTEIRO, Renato de Araújo. *O processo de profissionalização do futebol em Criciúma/SC (1948–1952)*. 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/1567>>. Acesso em: 16 out. 2017.

importante instrumento de barganha na mão do empresariado. Utilizado como forma de conter – ou extravasar – fúrias, sejam elas de cunho social, político, econômico ou cultural, o esporte podia ser mobilizado para desarticular movimentos grevistas, ou ainda, em ações de caráter beneficente cunhando uma característica assistencialista aos times de futebol, atitude comum a muitos clubes e vista, de modo geral, com bons olhos pela sociedade.⁴

Vale ressaltar que a maioria dos jogadores de futebol eram operários (mineiros, ferroviários etc.), logo, os operários que lutavam contra os patrões por melhores condições de vida e trabalho eram os mesmos que entravam em campo defendendo a camisa de um time, que geralmente era patrocinado pelo patrão. Em contrapartida, os operários “bons de bola” também podiam barganhar sua permanência na empresa ou conquistar determinadas regalias.

As paixões despertadas pelo time da vila eram compartilhadas também pelas mulheres, cuja presença nas raras arquibancadas, ou na beira dos gramados, conferia aos dias

⁴ CAMPOS, Emerson César de; CARDOSO, Michele Gonçalves. Esporte e cidade: o mundo do futebol a partir do sul catarinense/ 1910–1960. *Revista Contemporânea – Dossiê História & Esporte*, ano 4, v. 2, n. 4, p. 1–24, 2014.

de jogo uma torcida fiel às cores da camisa. Ao se configurar como espaço de sociabilidade de toda a vila operária, as partidas de futebol também representavam momentos de encontros e paqueras que podiam continuar nos bailes em comemoração aos times vitoriosos.

Essas festividades ocorriam geralmente nas sociedades recreativas. Nesses espaços aconteciam festas temáticas, animadas por bandas locais ou de cidades vizinhas. Alguns clubes possuíam palcos e até cinemas, como no caso do Recreio do Trabalhador da cidade de Siderópolis.

O Recreio do Trabalhador foi construído como sede da Associação do Itaúna Atlético Clube formada por funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Além dos eventos promovidos pela empresa, no clube também funcionava um bar, onde os funcionários se reuniam depois da jornada de trabalho⁵. Mesmo sendo disponibilizado pela companhia, o Recreio do Trabalhador também era espaço de luta da classe operária, que utilizava o local para reuniões e assembleias do sindicato.

⁵ RODRIGUES, Elaine. *Patrimônio industrial: usos, conflitos e disputas em torno das estruturas do carvão em Siderópolis/SC*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2016.

Esses espaços de entretenimento marcavam as relações entre a classe trabalhadora e o empresariado, no entanto, também evidenciavam outras relações presentes na sociedade. Era comum na região carbonífera a criação de clubes e associações que diferenciavam os trabalhadores numa perspectiva racial. Em Criciúma, geograficamente muito próximos, estavam o Clube União Mineira e a Sociedade Recreativa União Operária. Apesar de evocarem a unidade da classe mineira, o primeiro era destinado somente aos trabalhadores brancos, e o segundo, aos negros.

Nesse panorama, sobre os espaços de sociabilidade e lazer, podemos identificar que nas manifestações, tangíveis ou intangíveis, estão registradas as práticas e saberes relacionados aos mundos do trabalho protagonizadas por homens e por mulheres do sul catarinense. Nesse sentido, seu registro e preservação contribui para a socialização das experiências vividas e, ainda, vivas dessa região.

[\[Volta ao Sumário\]](#)



*Clube Recreativo da Cia Próspera. Criciúma. 2004.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Local do antigo Clube Recreativo Engenho. 2017.
Bairro Próspera. Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Estádio Mário Balsini. Bairro Próspera. Criciúma. 2004.
Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.*



*Vista frontal do Estádio Mario Balsini.
Bairro Próspera. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.*



Prédio da Sociedade Recreativa União Operária. Clube dos Negros. Bairro Santa Bárbara. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Recreio do Trabalhador. Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. 2003. Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.



Recreio do Trabalhador. Pertencente à CSN. Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Centro Recreativo do Metropol. Bairro Metropolitana. Criciúma: 2003. Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.



Ginásio do Esporte Clube Metropol. Bairro Metropolitana. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Monumento ao Carneirinho, símbolo do Metropol. Bairro Metropolitana. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



*Campo do Itaúna.
Bairro Rio Fiorita.
Siderópolis. 2003.
Fotógrafo Gilmar
Axé. Acervo MCC.*



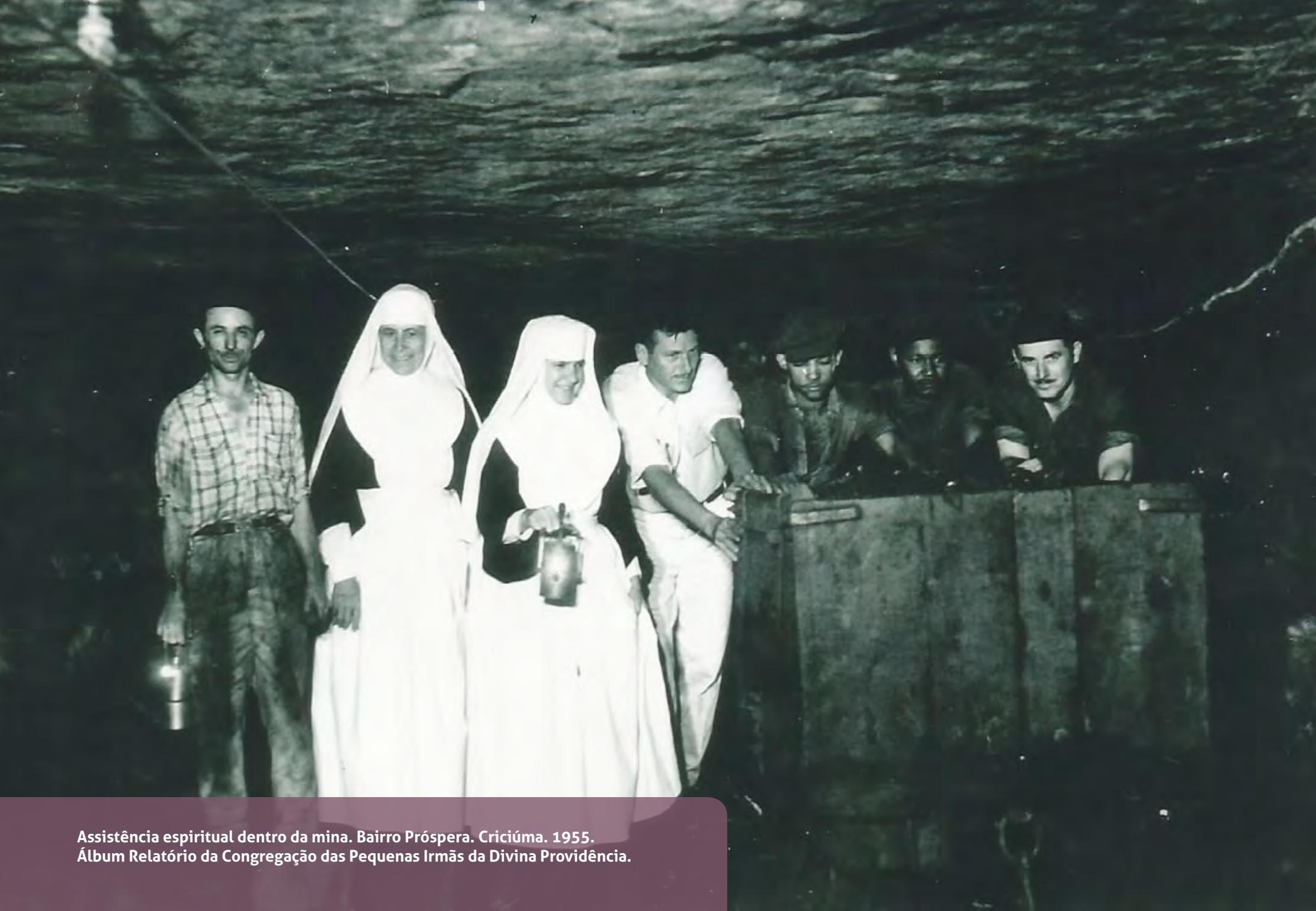
*Estádio do Itaúna.
Bairro Rio Fiorita.
Siderópolis. 2017.
Fotógrafo
Gilmar Axé.*



*Clube Recreativo
Cruz de Malta.
Lauro Müller.
2003.
Fotógrafo Gilmar
Axé. Acervo MCC.*



*Clube Recreativo
Cruz de Malta.
Lauro Müller. 2017.
Fotógrafo
Gilmar Axé*



Assistência espiritual dentro da mina. Bairro Próspera. Criciúma. 1955.
Álbum Relatório da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência.

EDIFICAÇÕES DA FÉ:

IGREJAS E CEMITÉRIOS
DOS TEMPOS DA MINERAÇÃO



MICHELLE MARIA STAKONSKI CECHINEL

*A*s manifestações religiosas desempenhavam um papel significativo na sociedade do sul catarinense, em meio ao contexto da exploração carbonífera. Presentes tanto no cotidiano dos trabalhadores quanto nos discursos e ações políticas das empresas mineradoras, as evocações de cunho religioso, em especial, de matriz cristã, não se encerravam nos limites da fé individual, nem se limitavam a manifestações em espaços sacros, como capelas, capelinhas e cemitérios, mas faziam parte de um panorama de sociabilidade comunitária, que articulava fé e trabalho, revelando, a nós, a partir de seus vestígios, modos singulares de relacionamento entre o sagrado e a esfera produtiva.

Analisando as “edificações da fé” presentes nas cidades de Criciúma, de Tubarão, de Lauro Müller, de Içara e de Siderópolis, é possível identificar uma série de entrelaçamentos dessas construções com a história do trabalho e da indústria da mineração, visto que vários cemitérios, igrejas e capelas foram erigidos por mineiros com apoio e, não raro, com subsídio das próprias companhias mineradoras da região.

As estruturas religiosas que foram escolhidas para serem apresentadas neste livro são resultantes de levantamento de bens materiais imóveis legados pelas atividades carboníferas, iniciadas no século XIX até meados do século XX, em alguns municípios do extremo sul catarinense. Se, como pôde ser identificado nos capítulos anteriores, boa parte do patrimônio industrial, resultado do trabalho das minas, encontra-se em situação de abandono e ruína, por sua vez, a maior parte das estruturas de bens materiais religiosos dos bairros operários sobreviveu à ação do tempo e às ressignificações de sua existência.

Segundo a Carta de Nizhny Tagil, escrita pelo The International Committee for the Conservation the Industrial Heritage (TICCIH),¹ o conceito de patrimônio industrial engloba as diversas formas de vestígios, deixados tanto por estruturas

¹ Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial. Para saber mais, ver: Ticcih (2017).

físicas da própria indústria quanto pelos resquícios de diversos tipos, desde que associados à âmbitos constituintes da vida cotidiana dos trabalhadores da indústria, no caso estudado, os mineiros. Faz, portanto, parte do patrimônio industrial uma gama de construções que perpassam os limites da fábrica, mas representam espaços de sociabilidade, de lazer, de vigilância e de religiosidade; ou seja, como diz Meneguello, o patrimônio industrial compreende os vestígios das “[...] rotinas de produção, de organização e de sociabilidade, dentro e fora do espaço de produção.”²

Nesse panorama, “fora do espaço de produção”, mas profundamente atrelado ao contexto do trabalho, localiza-se o viver religioso. No âmbito da religiosidade popular dos trabalhadores das minas, a construção de capelinhas para a devoção a oragos, em especial Santa Bárbara, procissões festivas e benzeduras de maquinários, eram práticas recorrentes do chamado “catolicismo tradicional”, conceito que desloca o foco do poder do clero para o leigo, que assumia, nesse contexto, a posição de destaque nas iniciativas e nas ativida-

² MENEGUELLO, Cristina. Patrimônio industrial como tema de pesquisa. SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, I., Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UDESC, 2011. p. 1819–1834 (p. 1820).

des religiosas, em um período em que a Igreja Católica não conseguia atingir toda a cidade.³ Essa forma de catolicismo era profundamente marcada pela construção de espaços de devoção e de práticas religiosas híbridas com influência, inclusive, de outras matrizes religiosas e de outros imaginários mito-mágicos, fora da tradição da católica.

Como indica Oliveira,⁴ o catolicismo tradicional, também conhecido como catolicismo popular, pode ser definido como um conjunto de representações e de práticas religiosas que se autoproduzem, a partir e pelas classes subalternas, utilizando-se para isso, do código do catolicismo oficial, ou romanizado.

Isso significa que o Catolicismo Popular incorpora elementos do catolicismo oficial – os significantes – mas lhes dá uma significação própria, que pode inclusive opor-se à significação que lhes é oficialmente atribuída pelos especialistas. O resultado é que o mesmo código religioso católico é diferentemente interpretado pelas diferentes classes sociais de

³ AZZI, Rioldo. Elementos para a história do Catolicismo popular. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 36, fasc. 141, p. 95–130, 1976.

⁴ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 36, p. 137–141, 1976.

maneira que, sob uma unidade formal, escondem-se, de fato, diversas representações e práticas religiosas.⁵

Um resquício da incorporação de elementos do catolicismo oficial e de ressignificação, citado por Pedro Oliveira, é a escolha de uma santa como padroeira de uma comunidade específica. No caso dos trabalhadores das minas, na região estudada, a escolha de Santa Bárbara como padroeira comum a todos os que compartilhavam dessa profissão, forjou a construção da identidade religiosa atribuída aos mineiros. A atividade carbonífera na região de Criciúma foi tão economicamente importante que o dia 4 de dezembro é feriado municipal em face da comemoração oficial da Festa de Santa Bárbara, padroeira dos mineiros. O padroeiro oficial de Criciúma, no entanto, é São José, e o dia de sua festividade não figura entre os feriados municipais. “Este fato mostra o quanto o poder econômico do carvão determinava as relações na cidade.”⁶

Segundo Solange Perito, foram os mineiros da “Mina Velha” que decidiram construir uma pequena capelinha na

⁵ *Ibid.*, p. 141.

⁶ PERITO, Solange Maria Dias. *Igreja Santa Bárbara de Criciúma*. In: OSTETTO, Lucy Cristina; COSTA, Marli de Oliveira (Org.). Criciúma: UNESC, 2001. p. 24.

porta da mina que se localizava no bairro Santo Antônio, com a imagem de Santa Bárbara, de modo que pudessem fazer suas orações sempre que desejassem e que contassem com a permanente vigília da santa. Depois de alguns anos, devido à necessidade de um espaço maior para a devoção popular, foi construída a Igreja de Santa Bárbara, no bairro batizado com o mesmo nome, em uma região povoada por trabalhadores das minas.⁷

A mesma iniciativa leiga é percebida ao analisarmos os documentos que contam que em meados de 1930 os mineiros edificaram uma pequena capelinha de madeira na região do bairro operário construído nas terras da Carbonífera Próspera. A pequena construção não dava conta da demanda de fiéis que manifestavam suas devoções a Nossa Senhora da Salete, pois os fieis necessitavam de um espaço maior e institucionalizado, visto que não havia igrejas da diocese naquela região da cidade de Criciúma.

Portanto, a história da construção da Matriz de Nossa Senhora da Salete representa uma forte ligação da Carbonífera Próspera S.A. com o domínio espiritual de seus trabalhadores. A Carbonífera transportava, uma vez por semana, em seus

⁷ *Ibid.*, p. 22.

caminhões, os empregados que desejassem participar da celebração da missa no centro da cidade⁸. A empresa em questão não apenas doou o terreno para a ampliação da Capela de Nossa Senhora da Salete doou, também, eucaliptos, alcatrão, tesoura e dinheiro para ajudar na construção da igreja, além do terreno para construção do cemitério.⁹

Assim como igrejas e capelas destinadas à Santa Bárbara, padroeira escolhida pelos mineiros, ou a outros oragos, os cemitérios presentes nos bairros operários das cidades estudadas são ambientes de memória e de religiosidade e

podem ser atrelados à história desses homens e mulheres que vivenciaram uma experiência de trabalho que não se encerrava nas atividades laborais.

As edificações da fé, hoje consideradas vestígios do patrimônio industrial na região carbonífera são espaços tensionados de memória, entre a religiosidade popular e institucional, e nos ajudam a compreender um contexto ambíguo: esses lugares de sociabilidade e culto, de iniciativa leiga, também podem ser considerados uma extensão do trabalho e da disciplina exigida e patrocinada pelas carboníferas.

[\[Volta ao Sumário\]](#)

⁸ SILVA, Ana Cristina; MORAES, Cristiane Matiola. *História da Capela de Nossa Senhora da Salete –bairro Próspera*. In: OSTETTO, Lucy Cristina; COSTA, Marli de Oliveira (Org.). Criciúma: UNESC 2001. Cadernos do Patrimônio Histórico de Criciúma 1. Patrimônio Histórico Religioso.

⁹ *Ibid.*, p. 17.



Cemitério. Bairro Guatá. Lauro Müller. 2003.
Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.



Cemitério de Guatá. Lauro Müller. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.



Cemitério Santa Bárbara. Lauro Müller. 2003.
Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.



Cemitério Santa Bárbara. Lauro Müller. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.



*Igreja São José
Operário. Bairro
Oficinas.
Tubarão. 2017.
Fotógrafo
Gilmar Axé.*



*Igreja de Santa Bárbara. Bairro Rio Fiorita.
Siderópolis. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Igreja Santa
Bárbara. Bairro
Barro Branco.
Lauro Müller.
2003. Fotógrafo
Gilmar Axé.
Acervo MCC.*



*Igreja Santa
Bárbara. Bairro
Mineração.
Içara. 2017.
Fotógrafo
Gilmar Axé.*



Igreja Nossa Senhora da Salete. Bairro Próspera. Criciúma. 2004. Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.



Igreja Nossa Senhora da Salete. Bairro Próspera. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Igreja Santa Bárbara. Bairro Santa Bárbara. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Ponte da Estrada de Ferro Tereza Cristina. Atual Ponte Ferroviária das Laranjeiras ou Ponte de "Cabeçudas". [1936?]. Acervo MCC.

O TRANSPORTE
NO COMPLEXO
CARBONÍFERO
CATARINENSE



ALCIDES GOULARTI FILHO



Para falar do transporte associado ao complexo carbonífero catarinense é necessário ressaltar os seguintes momentos datados:

1884–1946: minas – ferrovia – portos (Laguna e Imbituba). Abertura das primeiras minas, inauguração da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, construção do porto de Imbituba e melhoramentos no porto de Laguna adaptando-o para o transporte de carvão.

1946–1965: minas – ferrovia – lavador – porto. Em 1946, com a entrada em operação da Carbonífera Siderúrgica Nacional (CSN) em Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro, também foi inaugurada a Unidade de Santa Catarina com o lavador de carvão, em Tubarão. O Porto de Laguna deixou de transportar o carvão, e Imbituba especializou no transporte de carvão.

1965–1979: minas – ferrovia – lavador – termoelétrica – porto. Em 1965, entrou em operação a Usina Termoelétrica Jorge Lacerda, em Tubarão.

1979–1990: minas – ferrovia – lavador – termoelétrica – carboquímica – porto. Em 1979, foi inaugurada a Indústria Carboquímica Catarinense em Imbituba.

1990–1994: minas – ferrovia – termoelétrica. De 1990 a 1994 foi desativado o lavador e fechada a Indústria Carboquímica Catarinense (ICC), e o Porto de Imbituba parou de escoar o carvão metalúrgico.

A construção da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina no sul de Santa Catarina está relacionada à descoberta do carvão mineral, na cabeceira do Rio Tubarão, no município de Laguna, e a necessidade de transportá-lo até um porto de embarque. A ferrovia do carvão faz parte da formação e da consolidação do complexo carbonífero catarinense transportando o mineral extraído nas minas em direção ao lavador, à termoelétrica, à carboquímica e aos Portos de Laguna e de Imbituba. O complexo foi se expandindo ao longo do século XX, respondendo às demandas nacionais de carvão, destinadas

ao transporte (ferrovias e navegação fluvial e marítima a vapor), à siderurgia, à termoelétrica e à petroquímica.

Podemos afirmar que a formação inicial do complexo carbonífero catarinense começou com três unidades básicas: minas (companhia carbonífera), ferrovia (EFDTC) e portos (Laguna e Imbituba) em 1884, quando foi inaugurado o primeiro trecho da ferrovia. Contudo, esse tripé passou a operar de forma mais ativa, voltado para a extração e para o transporte do carvão somente a partir da Primeira Guerra Mundial, quando foram fundadas as primeiras companhias carboníferas nacionais. Em 1946, entrou em operação o lavador de carvão, uma unidade de beneficiamento da CSN, situado na cidade de Tubarão que separava o carvão metalúrgico do energético (ou vapor) e do rejeito. Com a dieselização do transporte ferroviário brasileiro nos anos de 1950, caiu a demanda de carvão energético, ampliando a quantidade de carvão subutilizado. Como estratégia para melhor aproveitar o carvão nacional e ampliar a oferta de energia elétrica no estado, em 1965, entrou em operação a Termoelétrica Jorge Lacerda (TJL), também situada em Tubarão, que passou a consumir o carvão energético. Dada a má qualidade do carvão catarinense, cuja fração não vendável representa 75%, o aproveitamento do rejeito, que produz ácido sulfúrico, passou a fazer parte das

estratégias do governo federal, que visava a produzir insumos para a indústria de fertilizantes. Para tanto, foi construída a Indústria Carboquímica Catarinense (ICC) na cidade portuária de Imbituba, que entrou em operação em 1979.

Impulsionado pela Política Nacional de Substituição de Derivados de Petróleo, criada depois do primeiro choque do petróleo (1973) e reforçada depois do segundo choque (1979), os anos de 1980 representaram o auge do complexo carbonífero, que era formado pelas seguintes unidades: minas-ferrovia-lavador-termoelétrica-carboquímica porto, um complexo amparado pelo Estado via as seguintes empresas: CSN, Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), Centrais Elétricas do Sul do Brasil (Eletrosul), Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobrás) e Empresa de Portos do Brasil (Portobrás).

Com os adventos das políticas neoliberais iniciadas em 1990, o setor carbonífero foi duramente penalizado. Com o fim do consumo obrigatório do carvão metalúrgico pelas siderurgias estatais, a CSN fechou as unidades de extração do minério situadas nas cidades de Siderópolis, de Içara e de Criciúma, dispensando o beneficiamento do carvão no lavador em Tubarão. Como resultado foi suspenso o transporte até o Porto de Imbituba. Em seguida, a ICC encerrou suas atividades.

Atualmente, o complexo carbonífero catarinense opera apenas com três unidades: minas-ferrovia-termoelétrica. Todo carvão extraído pelas companhias carboníferas é

utilizado na TJL. Outra mudança que ocorreu no complexo foi a privatização da TJL e a concessão da ferrovia para a iniciativa privada.

[\[Volta ao Sumário\]](#)



*Ponte da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina.
Bairro Cabeçadas. Laguna. 2003.
Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.*



*Estação Ferroviária de Cabeçadas. Bairro Cabeçadas.
Laguna, 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Ponte da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina.
Bairro Cabeçadas. Laguna. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Local de pouso
do avião de
Henrique Lage.
Bairro Vila Nova.
Imbituba. 2017.
Fotógrafo.
Gilmar Axé*



Porto de Imbituba. 2003.
Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.



Porto de Imbituba. Imbituba. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé



Túnel. Siderópolis. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.



Estação Ferroviária de Lauro Müller. 2004.
Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC



Estação Ferroviária. Lauro Müller. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.



Estação
Ferroviária.
Jaguaruna. 2004.
Fotógrafo Gilmar
Axé. Acervo MCC.



*Estação Ferroviária (século XIX).
Pedras Grandes. 2004.
Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.*



*Estação Ferroviária (século XIX).
Pedras Grandes. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Estação Ferroviária. Urussanga. 2004.
Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC.*



*Estação Ferroviária. Urussanga. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Ferrovía Dona Tereza Cristina e Casas de Turma da Rede
Ferroviária. Içara, 2004. Fotógrafo Gilmar Axé. Acervo MCC*



*Local das antigas Casas de Turma da Rede
Ferroviária. Içara, 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Viaduto
(passarela) sobre
Ferrovia Dona
Tereza Cristina.
Bairro Milanese.
Criciúma. 2003.
Fotógrafo Gilmar
Axé. Acervo MCC.*



*Viaduto
(passarela) sobre
Ferrovia Dona
Tereza Cristina.
Bairro Milanese.
Criciúma. 2017.
Fotógrafo
Gilmar Axé.*



*Casa do Agente Ferroviário. Bairro Estação Cocal.
Morro da Fumaça. 2004. Fotógrafo Gilmar Axé.
Acervo MCC*



*Casa do Agente Ferroviário. Bairro Estação Cocal.
Morro da Fumaça. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.*

Lançar um olhar para Santa Catarina, sobretudo para o sul do estado, é perceber a presença marcante das atividades carboníferas, responsáveis pela organização do espaço regional materializado nos meios de produção, circulação e nos núcleos urbanos.

Este mapa temático é resultado do trabalho coletivo em diversos momentos-tempos de pesquisas. Trabalho esse que buscou estudos em bibliografias, contato com a memória de pessoas das comunidades que auxiliaram a encontrar e a reconhecer alguns lugares, informações fundamentais para dar visibilidade aos testemunhos da atividade econômica e sua gama de relações.

Depois de realizar um longo levantamento dos locais que seriam mapeados, ocorreram os momentos de saída a campo para visitar essas estruturas, observando os estados de conservação e as diferentes finalidades a elas destinadas, além de coletar as coordenadas geográficas de cada local. Reunidas as informações, as estruturas foram divididas em temas assim relacionados: as memórias do trabalho, as memórias do transporte, as memórias do cotidiano, as memórias

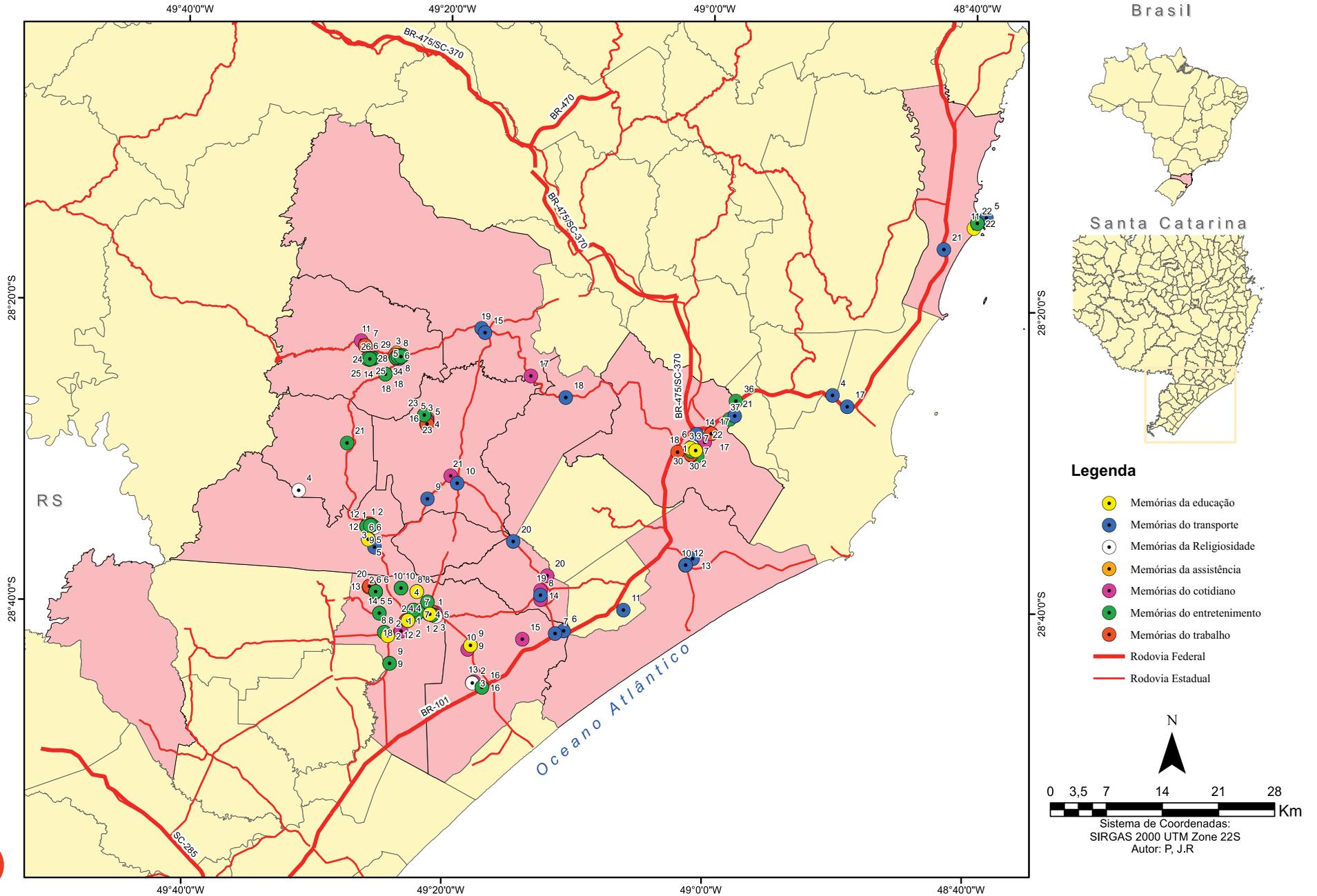
SUSANE DA COSTA WASCHINEWSKI

do entretenimento, as memórias da educação, as memórias da assistência e as memórias da religiosidade.

Nem todas as estruturas foram facilmente identificadas; alguns pontos coletados foram de áreas aproximadas, seja por questões de segurança, de autorização ou mesmo do difícil acesso. Alguns desses locais de memórias que havíamos selecionados para a visita não eram mais visíveis devido à não preservação do patrimônio industrial; muitas delas estão com marcas profundas da ação do tempo e do abandono do poder público e/ou de seus proprietários.

Portanto, nosso objetivo foi representar em meio cartográfico as estruturas das atividades carboníferas, com intuito de salvaguardar a sua localização. Para tal mapeamento, partimos da compreensão que o mapa é uma representação do real, seletiva e convencional. Ressalta-se que esses locais foram por nós selecionados, a partir dos estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa Memória e Cultura do Carvão, em 2003, 2004 e 2008. Desse modo, declaramos que deixamos escapar muitos lugares que poderão ser cartografados no futuro.

Lugares de Memórias da Mineração em Santa Catarina



Lugares de Memórias da Mineração em Santa Catarina

MEMÓRIAS DO TRABALHO	MEMÓRIAS DO ENTRETENIMENTO	MEMÓRIAS DO COTIDIANO
<ol style="list-style-type: none"> 1 – Ruína das Oficinas da Cia Siderúrgica Nacional (CSN) 2 – Escritório da Cia Siderúrgica Nacional (CSN) (Cia Próspera até 1952, posteriormente CSN) 3 – Chaminé da Usina da Cia Próspera 4 – Mina Brasil (Mina Modelo Caetano Sônego) 5 – Local da caixa de embarque do carvão (Bairro Rio Maina) 6 – Ruínas da caixa de embarque do carvão (Bairro Laranjinha) 7 – Monumento aos Homens do Carvão 8 – Boca de Mina (Bairro Universitário) 9 – Ruínas da Indústria Carboquímica Catarinense (ICC) (Bairro Sangão) 10 – Coqueria 11 – Oficinas da Cia Siderúrgica Nacional (CSN) 12 – Caixa de embarque do carvão (Cia Metropolitana) 13 – Caixa de embarque do carvão 14 – Coqueria 15 – Escritório da Cia Barro Branco 16 – Restos do Poço 8 (Cia Barão do Rio Branco) 17 – Centro de Controle Operacional 18 – Boca da Mina Visconde de Barbacena (século XIX) 19 – Antiga Sede do Sindicato dos Mineiros 20 – Departamento de Explosivos 21 – Lavador da Cia Esperança 22 – Ruínas da Indústria Carboquímica Catarinense (ICC) 23 – Almoarifado da Minerasil (Bairro Santana) 24 – Ruínas da caixa de embarque do carvão 25 – Ruínas da coqueria 26 – Escritório da Cia Barro Branco 27 – Ruínas da Sede do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) 28 – Chaminé da Termoeletrica 29 – Busto do minerador Henrique Lage (Bairro Centro) 30 – Rua dos Ferrovários 31 – Sede do Sindicato dos Mineiros 32 – Atual Sede do Sindicato dos Mineiros 34 – Sindicato dos Mineiros 35 – Sindicato dos Mineiros 36 – Depósito de Cinzas Capivari de Baixo 37 – Tractebel 	<ol style="list-style-type: none"> 1 – Estádio do Estádio Mozart Vieira (Itaúna Esporte Clube) 2 – Ruínas do Recreio do Trabalhador (Cia Siderúrgica Nacional (CSN)) 3 – Estádio do Esporte Clube Barão do Rio Branco (Bairro Mineração) 4 – Sede do Mineração Esporte Clube (Bairro Santana) 5 – Campo de Futebol do Mineração Esporte Clube (Bairro Santana) 6 – Prédio do Cinema (Guatá) 7 – Sociedade Recreativa Ouro Preto (Guatá) 8 – Clube Recreativo Cruz de Malta 9 – Restos do Clube Recreativo Próspera 10 – Estádio Mario Balsini (Esporte Clube Próspera) 11 – Sede da Sociedade Recreativa Sul do Estado (Clube dos Negros, Bairro Próspera) 12 – Sede da Sociedade Recreativa União Operária (Clube dos Negros, Bairro Santa Bárbara) 13 – Estádio João Estêvão de Souza Esporte Clube Metropol (antigo Euváldo Lodi) 14 – Ginásio de Esportes (Bairro Metropol) 15 – Complexo Esportivo da Vila dos Ferrovários (Estádio Domingos Gonzales, Clube Atlético Tubarão) 16 – Complexo Esportivo da Vila dos Ferrovários 17 – Sociedade Recreativa Clube 11 Janeiro 18 – Clube 1º de Maio (Clube dos Negros) 19 – Rádio Cruz de Malta 20 – Monumento Carneiro (Bairro Metropol) 	<ol style="list-style-type: none"> 1 – Armazém da Cia Siderúrgica Nacional (CSN) – parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI) 2 – Casas de Turma da Ferrovia Dona Tereza Cristina (Bairro Laranjinha) 3 – Prédio do Serviço Social da Indústria (SESI) (Bairro Santana) 4 – Casa em alvenaria – Vila Operária Próspera, da Cia Siderúrgica Nacional (CSN) (1961) 5 – Oito Casas de Turma da Ferrovia Dona Tereza Cristina 6 – Castelo do Minerador Henrique Lage 7 – Casas da Vila Operária Próspera, da Cia Siderúrgica Nacional (CSN) (década de 1960) 8 – Casas da Vila Operária (Bairro Rio Fiorita) 9 – Prédio da antiga padaria da Cia Siderúrgica Nacional (CSN) (Bairro Rio Fiorita) 10 – Local das Casas de Turma da Ferrovia Dona Tereza Cristina 11 – Casas da Vila Operária 13 – Casas Geminadas (Bairro Mineração) 14 – Casas de Turma da Ferrovia Dona Tereza Cristina 15 – Ruínas das Casas de Turma da Ferrovia Dona Tereza Cristina (Bairro Vila Esperança) 16 – Ruínas da Vila Operária (Bairro Santana) 17 – Casas de Turma da Ferrovia Dona Tereza Cristina (Bairro Pindotiba) 18 – Passarela (Bairro Milanese) 19 – Casa do Agente Ferroviário 20 – Casa do Agente Ferroviário (Bairro Esplanada) 21 – Casa do Agente Ferroviário 22 – Antiga Vila dos Engenheiros da Cia Siderúrgica Nacional (CSN) (atual Paço Municipal)
	MEMÓRIAS DO TRANSPORTE	MEMÓRIAS DA ASSISTÊNCIA
	<ol style="list-style-type: none"> 1 – Pátio Henrique Lage da Ferrovia Dona Tereza Cristina 2 – Oficinas da Estrada da Ferrovia Dona Tereza Cristina 3 – Túnel da Ferrovia Dona Tereza Cristina 4 – Ponte da Ferrovia Dona Tereza Cristina (Bairro Cabeçadas) 5 – Porto de Imbituba 6 – Caixa d'Água da Ferrovia Dona Tereza Cristina (Bairro Esplanada) 7 – Estação Ferroviária (Bairro Esplanada) 8 – Estação Ferroviária 9 – Ruínas da Estação Ferroviária (Bairro Rio Caeté) 10 – Estação Ferroviária 11 – Estação Ferroviária 12 – Estação Ferroviária 13 – Ponte de Ferro 14 – Antiga Estação Ferroviária (Rodoviária de Tubarão) 15 – Ruínas da Ponte 16 – Estação Ferroviária 17 – Estação Ferroviária (Bairro Cabeçadas) 18 – Estação Ferroviária (século XIX) 19 – Corte/Estrada de Ferro (século XIX) 20 – Ruínas da estrutura da Ponte da Ferrovia Dona Tereza Cristina (século XIX) 21 – Porto da Vila Nova 	<ol style="list-style-type: none"> 1 – Hospital São José 2 – Posto de Puericultura (Bairro Santa Bárbara) 3 – Hospital Henrique Lage 4 – Prédio do Ambulatório da Cia Siderúrgica Nacional (CSN) (Bairro Rio Fiorita) 5 – Casas das Freiras (Congregação Irmãs Beneditinas da Divina Providência)
		MEMÓRIAS DA RELIGIOSIDADE
		<ol style="list-style-type: none"> 1 – Igreja Santa Bárbara (Bairro Rio Fiorita) 2 – Igreja Santa Bárbara (Bairro Mineração) 3 – Igreja Santa Bárbara 4 – Igreja Santa Bárbara (Bairro Rio Carvão) 5 – Igreja Nossa Senhora da Salette (Bairro Próspera) 6 – Igreja São José Operário 7 – Cemitério Santa Barbara 8 – Cemitério Guatá
MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO		
<ol style="list-style-type: none"> 1 – Ruínas da Escola do SENAI (Cia Siderúrgica Nacional (CSN)) 2 – Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão (SATC) 3 – Escola de Educação Básica Visconde de Mauá 4 – Antiga Casa da Criança (atual Centro de Educação Infantil São Bento) 5 – E.E.B. Dr. Tullo Cavalazzi (antiga Escola do SENAI/CSN, Bairro Rio Fiorita) 6 – Centro de Educação Pequeno Príncipe (antigo Jardim de Infância das Irmãs Pequenas Missionárias da Caridade) 7 – Museu do Ferroviário 8 – Mina de Visitação Otávio Fontana 9 – Casa do Agente Ferroviário 10 – Casa do Agente Ferroviário 11 – E.E.B. Henrique Lage 		



Descida de mina. Bairro Universitário. Criciúma. 2003. Fotógrafo Gilmar Axé.



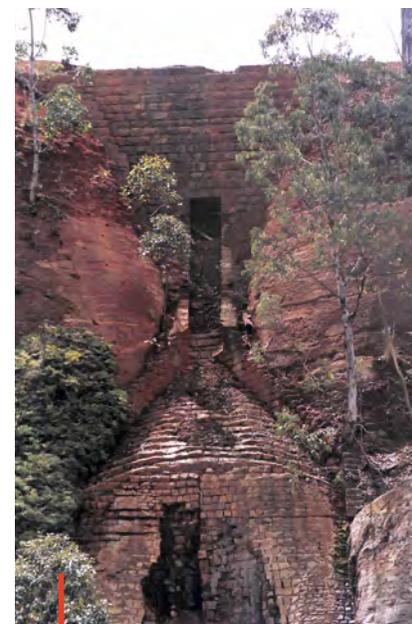
Descida de mina. Bairro Universitário. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Centro de Controle Operacional. (CCO). Tubarão. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Prédio da antiga Usina Termoeletrica de Capivari (UTEC). Capivari. 2002. Fotógrafo Gilmar Axé.



Antiga caixa de embarque. Lauro Müller. 2003. Fotógrafo Gilmar Axé.



Caixa de embarque do lavador de rejeito. Bairro Rio Maina. Criciúma. 2003. Fotógrafo Gilmar Axé.



Lavador de rejeito. Lauro Müller. 2003. Fotógrafo Gilmar Axé.



Lavador de rejeito. Bairro Renascer. Criciúma. 2003. Fotógrafo Gilmar Axé.



Antigo lavador de carvão. Bairro Rio Deserto. Urussanga. 2004. Fotógrafo Gilmar Axé.



Mina da CBCA. Bairro Santo Antônio. Criciúma. 2003. Fotógrafo Gilmar Axé.



Caixa de embarque do carvão. Bairro Rio Deserto. Urussanga. 2004. Fotógrafo Gilmar Axé.



Casa dos engenheiros do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Rua Engenheiro Fiúza da Rocha. Criciúma. 2004. Fotógrafo Gilmar Axé.



Casas da rua Engenheiro Fiúza da Rocha construídas na década de 1940 para abrigar os funcionários do DNPM. Centro. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Estruturas da Cia Próspera. Bairro Sangão. Criciúma. 2004. Fotógrafo Gilmar Axé.



Monumento ao Mineiro. Centro. Criciúma. 2004. Fotógrafo Gilmar Axé.



Monumento ao Mineiro. Centro. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Oficina da Cia Carbonífera Urussanga (CCU). Bairro Rio Deserto. Urussanga. 2004. Fotógrafo Gilmar Axé.



Chaminé da antiga Termoelétrica de Lauro Müller. Lauro Müller. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Chaminé da Cia. Próspera. Criciúma. 2004. Fotógrafo Gilmar Axé.



Oficinas da Ferrovia Dona Tereza Cristina. Bairro Oficinas. Tubarão. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



*Museu do Ferroviário.
Bairro Oficinas. Tubarão. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Ruínas das oficinas da Companhia
Siderúrgica Nacional (CSN).
Bairro Próspera. Criciúma. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Sindicato dos Ferroviários.
Bairro Oficinas. Tubarão. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Antiga estrutura da Indústria
Carboquímica Catarinense (ICC).
Bairro Sangão. Criciúma. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Unidade da ICC. Bairro Sangão.
Criciúma. 2004.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Pavilhão das oficinas da CSN.
Bairro Rio Fiorita. Siderópolis. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Departamento de Explosivos.
Lauro Müller. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casa das Freiras. Bairro Santana.
Urussanga. 2003.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Antiga sede do SESI. Local onde eram
realizados os cursos organizados pelas
freiras. Bairro Santana. Urussanga. 2003.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Sede do Mineração Futebol Clube.
Bairro Santana. Urussanga. 2003.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Sociedade Recreativa Clube 11 de
Janeiro. Bairro Cruzeiro. Tubarão. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Campo de futebol do Esporte Clube Barão
do Rio Branco. Bairro Mineração. Içara. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Campo do Ferroviário.
Bairro Oficinas. Tubarão, 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé*



*Entrada do Campo do Ferroviário.
Bairro Oficinas. Tubarão, 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé*



*Clube Primeiro de Maio.
Bairro Oficinas. Tubarão, 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé*



*Entrada do Estádio E. C. Barão do Rio Branco. Bairro Mineração. Içara, 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé*



*Estádio Mário Balsini.
Bairro Próspera. Criciúma. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Ginásio. Bairro Oficinas. Tubarão. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Rádio Cruz de Malta.
Lauro Müller. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Sede do Mineração Futebol Clube.
Bairro Santana. Urussanga. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Sociedade Amigos da Mineração (SAMI).
Bairro Mineração. Içara. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Sociedade Recreativa Sul do Estado.
Bairro Próspera. Criciúma. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Sociedade Esportiva Recreativa do Sul do Estado.
Bairro Próspera. Criciúma. 2004.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Sociedade Recreativa Ouro Preto.
Bairro Guatá. Lauro Müller. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Sociedade Recreativa União Mineira.
Bairro Santa Barbara. Criciúma, 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casa Operária.
Bairro Santo Antônio. Criciúma, 2003.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casas Geminadas.
Bairro Laranjinha. Criciúma, 2003.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casa operária. Bairro Mineração.
Içara. 2004.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Caixa d'Água. Morro Grande.
Sangão. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Vista da rua São Sebastião,
alinhamento das antigas casas operárias.
Próspera. Criciúma. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casa da rua Barão do Rio Branco
construídas para os funcionários de
mineradoras. Centro. Criciúma. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casa da rua Engenheiro Fiuza da Rocha
construídas na década de 1940 para
abrigar os funcionários do DNPM. Centro.
Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casa de Turma. Vila Esperança.
Içara. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casa de Turma da Rede Ferroviária.
Centro. Morro da Fumaça. 2004.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casa de Turma. Centro.
Morro da Fumaça. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Museu Casa do Agente Ferroviário.
Centro. Içara. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



Ferrovía Dona Tereza Cristina e estação ferroviária. Bairro Morro Grande. Jaguaruna. 2004. Fotógrafo Gilmar Axé.



Local da Estação Ferroviária. Bairro Estação Cocal. Morro da Fumaça. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Ponte de ferro da Ferrovía Dona Tereza Cristina. Bairro Esplanada. Içara. 2004. Fotógrafo Gilmar Axé.



Casa do Agente Ferroviário. Urussanga. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Pátio de manobras da ferrovía. Bairro Pinheirinho. Criciúma. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



Casa do Ferroviário. Bairro Esplanada. Içara. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.



*Casa de Turma da Rede Ferroviária.
Lauro Müller. 2004.
Fotógrafo Gilmar Axé*



*Casas de Turma da Rede Ferroviária.
Lauro Müller. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Pontilhão. Centro.
Jaguaruna. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casa de Turma da Rede Ferroviária.
Bairro Pindotiba. Orleans. 2004.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casas de Turma da Rede Ferroviária.
Bairro Pindotiba. Orleans. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Antiga Estação Ferroviária.
Bairro Centro. Tubarão, 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Local da antiga estação ferroviária.
Bairro Rio Caeté. Urussanga. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Ruínas da estrutura de contenção da
Ferrovia construída no século XIX. Paredão.
Orleans. 2017. Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casas de Turma.
Bairro Laranjinha. Criciúma. 2017.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Casa de Turma da Rede Ferroviária.
Bairro Barranca. Araranguá. 2004.
Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Prefeitura de Tubarão. Casas construídas
na década de 1940 para abrigar os
funcionários do DNPM. Centro. Tubarão.
2017. Fotógrafo Gilmar Axé.*



*Prefeitura de Tubarão. Casas construídas
na década de 1940 para abrigar os
funcionários do DNPM. Centro. Tubarão.
2017. Fotógrafo Gilmar Axé.*

AZZI, Riolando. Elementos para a história do Catolicismo popular. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 36, fasc. 141, p. 95–130. 1976.

BOA NOVA JUNIOR, Francisco de Paula. *Problemas médico-sociais da indústria carbonífera sul catarinense*. Rio de Janeiro: DNPM, 1953. Boletim nº 95.

CAMPOS, Emerson César de; CARDOSO, Michele Gonçalves. Esporte e cidade: o mundo do futebol a partir do sul catarinense/ 1910–1960. *Revista Contemporânea – Dossiê História & Esporte*, ano 4, v. 2, n. 4, p. 1–24, 2014.

CAROLA, Carlos Renato. *Dos subterrâneos da História: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937–1964)*. Florianópolis: EdUFSC, 2002.

CARTIER-BRESSON, Henri. O instante decisivo. *Revista Zum*, São Paulo, n. 1, out. 2011.

COSTA, Marli de Oliveira. *Artes de viver: recriando e reinventando espaços-memórias das famílias da Vila Operária Mineira Próspera/Criciúma (1945–1961)*. 1999. 206 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

GOULARTI, Alcides Filho (Org.). *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

HISTÓRICO da E.E.B. HENRIQUE LAGE. [20--]. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/muesc/cemessc_files/historico_132661.pdf>. Acesso em: 13 set. 2017.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914–1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases de Saúde pública no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

LANDIM, Paula. Percepção e preservação do patrimônio arquitetônico. In: SEMINÁRIO NACIONAL, V., ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PRESERVAÇÃO E REVITALIZAÇÃO FERROVIÁRIA, I., Piracicaba. *Anais...* Piracicaba, UNIMEP, 2001.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônio industrial como tema de pesquisa. SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, I., Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UDESC, 2011. p. 1819–1834.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11–36, jul. 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882003000100002>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

MINHA LAGUNA. *A Ponte da Estrada de Ferro Tereza Cristina*. 2010. Disponível em: <<http://minhalaguna.blogspot.com.br/2010/08/ponte-da-estrada-de-ferro-tereza.html>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

MIRANDA, Antônio Luiz. *Trajatória e experiência do movimento operário sindical de Criciúma/SC: da ditadura militar à nova república*. 2013. 238 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MONTEIRO, Renato de Araújo. *O processo de profissionalização do futebol em Criciúma/SC (1948–1952)*. 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/1567>>. Acesso em: 16 out. 2017.

NASCIMENTO, Dorval do. *As curvas do trem: a presença da estrada de ferro no sul de Santa Catarina (1880-1975), cidade, modernidade e vida urbana*. Criciúma: UNESC, 2002.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Tradução de Yara Khouri. São Paulo: PUC-SP, 1993. p. 7–28. Projeto História/10.

OLIVEIRA, Elane Abreu de. *A fotografia como ruína*. 2009. 120 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Catolicismo popular e romanização do catolicismo brasileiro. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 36, p. 137–141, 1976.

PERITO, Solange Maria Dias. *Igreja Santa Bárbara de Criciúma*. In: OSTETTO, Lucy Cristina; COSTA, Marli de Oliveira (Org.). Criciúma: UNESC, 2001. p. 24.

RODRIGUES, Elaine. *Patrimônio industrial: usos, conflitos e disputas em torno das estruturas do carvão em Siderópolis/SC*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2016.

SILVA JUNIOR, Jose da. *Histórias que a bola esqueceu: trajetória do Esporte Clube Metropol e de sua torcida*. Florianópolis: CMM Comunicação, 1997.

SILVA, Ana Cristina; MORAES, Cristiane Matiola. *História da Capela de Nossa Senhora da Salete – bairro Próspera*. In: OSTETTO, Lucy Cristina; COSTA, Marli de Oliveira (Org.). Criciúma: UNESC 2001. Cadernos do Patrimônio Histórico de Criciúma 1. Patrimônio Histórico Religioso.

THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE (TICCIH). *Portal virtual*. 2017. Disponível em: <<http://ticcih.org/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. I. p. 9.

VOLPATO, Terezinha Gascho. *A piritá humana: os mineiros de Criciúma*. Florianópolis: EdUFSC, 1984.

[Volta ao Sumário]



Alcides Goularti Filho

Sou doutor em Economia, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Sou professor da Universidade do extremo Sul Catarinense (UNESC), vinculado ao Curso de Economia e ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico. Sou pesquisador produtividade do CNPq e membro dos Grupos de Pesquisa História Econômica e Social de Santa Catarina e Formações Econômicas Regionais, Integração de Mercados e Sistemas de Transportes. Sou vice-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE) e sócio da Associação de Pesquisadores em Economia Catarinense (APEC). Sou autor dos livros *Formação Econômica de Santa Catarina* (1ª edição, em 2002; 2ª edição em 2007 e 3ª edição em 2016) e *Porto, Ferrovias e Navegação em Santa Catarina* (2013).



Giani Rabelo

Sou graduada em Serviço Social, pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), mestre em Educação, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e doutora em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sou professora titular da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), desde 1996. Atuo no Curso de Pedagogia e nos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e Desenvolvimento Socioeconômico (PPGDS). Sou associada à Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação e à Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Faço parte da Rede Iberoamericana para a Investigação e a Difusão do Patrimônio Histórico Educativo, com sede na FE/UNICAMP/Brasil (RIDPHE). Sou líder do Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação (GRUPEHME-SC), coordeno o Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina (CEMESSC/virtual), desde 2009. Tenho experiência na área de Educação, com ênfase em história da Educação, com pesquisas voltadas para o patrimônio educativo, cultura escolar, história das instituições escolares, história e memória da educação, gênero, trabalho e religião.

(O FOTÓGRAFO) **Gilmar Bonifácio/Gilmar Axé**

Sou graduado em Filosofia, pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Entrei para o mundo da fotografia em 1985, na Bahia, quando participei do Projeto Igrejas Irmãs, como missionário leigo, registrando o cotidiano das comunidades em que vivia e fotografando agricultores em fotos 3 x 4 para que pudessem se filiar no Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Em 1990, retornei para Içara/SC e em sociedade abri a empresa de fotografias: Foto Axé. Além da fotografia, dedico-me à causa dos movimentos sociais e ambientais. Durante 11 anos, fui uma das lideranças do Movimento Içarense pela Vida (MIV), movimento socioambiental de resistência à continuidade de extração do carvão mineral na Região sul de Santa Catarina.

**Ismael Gonçalves Alves**

Sou graduado em História (Bacharelado e Licenciatura), pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), mestre em História, pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), e doutor em História, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Sou professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico (PPGDS/UNESC) e do Curso de História da mesma Universidade.

**João Henrique Zanelatto**

Sou graduado em História, pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), mestre em História, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), doutor em História, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), e pós-Doutor em História, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Sou professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense (PPGDS/ UNESC) com pesquisas no campo da história política e social. Sou membro do Grupo de Pesquisa História Econômica e Social de Santa Catarina e sócio da Associação Nacional dos Professores de História (ANPUH).



Marli de Oliveira Costa

Sou graduada em Filosofia, pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), mestre em História, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e doutora em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sou professora dos Cursos de História, Pedagogia e do Mestrado em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Faço parte do Grupo de Pesquisas História e Memórias da Educação (GRUPEHME/UNESC) e sou líder do Grupo de Pesquisas Patrimônio Cultural: histórias e memórias. Desde a década de 1990, tenho me dedicado a pesquisas acerca da história da educação e do Patrimônio Cultural que alcançam além de Criciúma, Santa Catarina. Fui membro do Grupo de Pesquisa Memória e Cultura do Carvão.



Michele Gonçalves Cardoso

Sou graduada em História (Bacharelado e Licenciatura), pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), mestre e doutoranda em História, pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Sou professora do Departamento de História da UNESC. Sou membro do Grupo de Pesquisa, História e Memória da Educação (GRUPEHME-SC) e do Grupo de Pesquisa Patrimônio Cultural: histórias e memórias.



Michelle Maria Stakonski Cechinel

Sou graduada (Licenciatura e Bacharelado) e mestre em História, pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), e doutoranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH-UDESC). Sou professora do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Sou pesquisadora do Grupo Patrimônio Cultural: histórias e memórias (CNPq-UNESC), pesquisadora associada do Laboratório de Relações de Gênero e Família (LABGEF-UDESC) e membro do Grupo de Pesquisa Relações de Gênero e Família (CNPq-UDESC). Desenvolvo pesquisas em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB-UDESC). Dedico-me ao estudo de questões que envolvam deslocamentos diaspóricos contemporâneos, migrações africanas, história da África e religiosidades.



Paulo Sérgio Osório

Sou graduado em História, especialista em História Local e Regional, mestre em Educação e doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Sou professor titular da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), desde 1998. Atuo como professor e coordenador adjunto no Curso de Licenciatura em História. Sou vice-líder do Grupo de Pesquisa Patrimônio Cultural: histórias e memórias e coordeno o Centro de Memória e Documentação da UNESC (CEDOC). Tenho experiência nas áreas de história e de educação, com ênfase em história da educação, história dos períodos colonial e império, documentação e arquivo, e patrimônio cultural.



Susane da Costa Waschinewesk

Sou graduada em Geografia, com licenciatura e bacharelado, pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), mestrado em Educação na mesma Universidade. Atualmente, estou cursando o doutorado em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e concluindo especialização em Educação de Jovens e Adultos no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Sou membro do Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação (GRUPEHME/UNESC) e do Grupo de Pesquisa Ensino de História, Memória e Culturas (UDESC), aos quais venho me dedicando em pesquisar a formação das professoras catarinenses e a circulação das ideias pedagógicas nos anos de 1950 e 1960. Na graduação, desenvolvi, em parceria com o professor Mauricio Ruiz Câmara, a Cartografia das Atividades Carboníferas no Sul de Santa Catarina.



Tiago da Silva Coelho

Sou graduado em História (Bacharelado e Licenciatura), pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), especialista em História da Arte, pela FUCAP, e mestre em História, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Sou professor na UNESC e no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), *campus* Araranguá. Sou membro dos Grupos de Pesquisa História Econômica e Social de Santa Catarina e Patrimônio Cultural: histórias e memórias. Coordenei o Centro de Memória e Documentação da UNESC (CEDOC) e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto História. Tenho experiência na área de História, com ênfase em história da arte, cultura visual e história do Brasil contemporâneo.

*Não temos consciência da
maioria desses resíduos,
atribuindo-os tão somente
ao momento presente;
esforço consciente é
necessário para
reconhecer que eles
advêm do passado.*

(David Lowenthal, 1997)

GRUPO DE PESQUISA – PATRIMÔNIO CULTURAL: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

AUTORES

Alcides Goularti Filho
Giani Rabelo
Ismael Gonçalves Alves
João Henrique Zanelatto
Marli de Oliveira Costa
Michele Gonçalves Cardoso
Michelle Maria Stakonski Cechinel
Paulo Sérgio Osório
Susane da Costa Waschinewski
Tiago da Silva Coelho

*Os velhos lamentarão a perda
do muro em que se recostavam
para tomar sol. Os que voltam do
trabalho acharão cansativo o caminho
sem a sombra do renque de árvores.
A casa demolida abala os hábitos
familiares e para os vizinhos que
a viam há anos aquele canto
de rua ganhará uma face
estranha e adversa.*

(Eclea Bosi, 1973).

